

Stadium

N.º 65 ★ 1 DE MARÇO DE 1944



BENFICA - F. C. PORTO: Impetuoso, Correia Dias conseguiu furar por entre os «backs» benfiquenses — e só a audácia de Martins, lançando-se-lhe aos pés, pôde evitar o remate.

(foto Nunes d'Almeida)

Resultados previstos, mas lutas animadas

Unica surpresa: o empate de Olhão

CARTAS AO CRÍTICO por TAVARES DA SILVA

O que é preciso é que haja luta e que o *interesse pela classificação geral* se mantenha para que os torneios sejam o que devem ser. Sabe-se, por exemplo, que o campeão sairá do lote dos três, Sporting-Atlético-Benfica. Mas o que fica por saber é mais do que suficiente para manter os nervos em brasa durante algum tempo. Quere dizer, estamos em presença de uma competição com todas as condições de êxito, desportivas e financeiras, desmentindo-se, assim, por completo, a opinião daqueles que encaravam o alargamento à Província como um dos piores males. Mais: a experiência diz estar-se no bom caminho, importando apenas *prosseguir na obra*, e completá-la.

Mantido o *interesse pela classificação geral* resta conhecer a *trajetória* dos *teams*, como eles estão no presente, tendo em conta o passado e não perdendo de vista o futuro. A *forma* — afinal. Parece-nos que alguns grupos atingiram já o seu *ponto maior*. Outros estacionam, em *ponto morto*. E ainda outros estão na *curva descendente*. Exemplificando: pode dizer-se que o Atlético está na sua *grande hora*, que o Benfica *estaciona*, e que a Académica segue na *curva descendente*.

O próprio tempo exerce grande influência no desenvolvimento das coisas. Não é indiferente a chuva, nem o vento, nem o sol. Regra geral, vá à laia de informação, os grupos portugueses não são de fácil adaptação. Acostumados a um tipo de jogo, ou a certos terrenos, não são maleáveis. Não se nos afigura que o m-l seja dos jogadores. É mais profundo, e antes nos parece próprio daqueles que, *devendo estudar o jogo e os desafios*, nas suas minúcias, impondo um procedimento, deixam as coisas correr ao acaso. Esta *jornada de chuva* trouxe novamente ao de cima esse defeito de orientação. Salvas as excepções que têm o mérito de confirmar a regra, a maior parte dos jogadores evoluiu em terreno de barro e chuva... como se não houvesse barro e água, dois elementos inimigos, qualquer deles, do *dribling* e da passagem curta e rasteira.

Benfica venceu com mérito. Pôrto cumpriu.

Foi um jogo animado, aquele que se disputou entre o Pôrto e o Benfica. Dando a ideia do *match*, devemos esclarecer que sempre que o Benfica forçou a marcha do jogo, foi superior ao seu adversário. Todavia, este demonstrou forças suficientes para *animar* a partida. Quere dizer: o Benfica jogou, de modo geral, com a preocupação do ataque; ao contrário do Pôrto que, jogando com a ideia da defesa, não esqueceu o ataque. Exactamente, apesar da meia dúzia de bolas que entrou nas redes de Barigana, a defesa portuense deu-se a jogadas de bom futebol. O próprio guarda-redes surpreendeu-nos com um punhado de defesas de categoria, dando-nos também o lance de baixa categoria. Exige um longo *trabalho de lapidação* — se porventura ainda está a tempo de se submeter a isso.

Do lado do Benfica, toda a questão reside no *problema angustioso da defesa*. Esta, considerada em bloco, teve contra o Pôrto jogadas manifestamente más e ineptas, comprometendo o grupo. Esta inferioridade patenteou-se na *posição* no terreno e no *despacho* da bola, por parte dos *defesas*, para não falar já em pormenores. É evidente que tal não pode deixar de influir no *guarda-redes*. A experiência de Alcoia também não resultou.

Já a linha média do Benfica (incluindo João Silva, tipo de jogador discreto mas útil) nos agradou plenamente, em todos os capítulos. O seu *jogo* projectou-se na frente, vendo-se o desenvolvimento de alguns lances perfeitos, aqueles lances que, por efeitos da demarcação,

saem com limpeza, aliás de tal modo que nenhum adversário toca na bola. Foram os grandes obreiros da vitória — pois, pleróticos de energia, não se agarraram demasiadamente à bola, dando-a logo aos dianteiros, em toada de reforço e insistência. Verdade seja, a *linha deanteira* deu seguimento a tudo, nem todos cumprindo, apenas, no capítulo do remate. Pires e Julinho desperdiçaram muitas oportunidades, algumas delas por falta de sorte, outras por falta de serenidade e ainda outras por insuficiência de remate. Os extremos e Teixeira, *principalmente Rogério*, foram os que visaram as redes com mais frequência.

Faltou, precisamente, ao lado do Pôrto, o conveniente apoio, forte e decidido, à linha da frente, por parte da linha medular. Já temos dito várias vezes, mas importa insistir, que uma linha avançada, por excelente que seja não pode nunca marcar *goals*, sendo esquecida.

Já o ataque mostrou uma força e coesão a ter em conta — quando mais caelejado. Isto afigura-se nos natural. Porque o *estado do campo* não era propício a jogadores de físico como Zeca, Araújo e Faria. Ora, estes davam a indicação clara de que, noutras condições devem ser o que propriamente se pode chamar um *caso sério*. Araújo, então, deixou-nos verdadeiramente surpresos, mostrando-se um *rematador terrível*, isto é, uma boa aquisição de um futebol que precisa mais dos jogadores desta *espécie* do que das outras. Concluindo: a *fase de renovação* do Pôrto está longe de dar os seus frutos.

**Resultado-surpresa de Olhão.
A medida dos 2 grupos**

Já tínhamos a ideia formada em relação ao *caso de Olhão*, pensando ser mais difícil aos *teams* de primeiro plano passar ali, no estádio Padinha, reverberante de fé, do que a grupos menos considerados. A razão justifica-se. O Olhanense, ante a visita de um Belenenses ou de um Sporting, por exemplo — porque não, de um Benfica? — toma as necessárias cautelas criando o estado psicológico indispensável nos grandes momentos. Em relação a clubes de menos fama — surge um pouco fiado no valor já demonstrado e nos resultados conseguidos, esquecendo-se da fórmula: *todos os encontros são difíceis e os desafios só se podem considerar ganhos quando são o último apito*. Por outro lado, sucede que os grupos como o Vitória (Setúbal) lutam com uma fé, persistência e coragem verdadeiramente impressionantes. São *teams* que, mesmo que sintam a superioridade do adversário, nunca consideram impossível a vitória, acreditando firmemente que a sua *alma* deturpa por terra as dificuldades. Por isso mesmo *teams* praziosos. Assim, o empate em Olhão, o único resultado que não era previsto, aceita-se perfeitamente.

A marcha do resultado exprime bem a luta de Olhão, mesmo à distância. Ao intervalo 2-1 a favor do Vitória (Setúbal), reflectindo a energia dos setubalenses, e um pouco a imperícia do remate olhanense. Depois, a boa reacção dos algarvins, perfeita carburação, que lhes dá o empate e os leva à vitória (3-2), não desorganizandoo, no entanto, a serenidade e a coesão dos setubalenses, o que permite a estes o empate.

Vitória prevista do Atlético.

O desfecho não podia ser outro, com as duas forças que se puzeram frente a frente na Tapadinha; um Atlético robustecido de moral, com a mais sólida confiança a respeito do que vale e do que é capaz; e uma Académica com muitos *remendos* devido à falta de *titulares*.

E sucedeu a este grupo de Coimbra aquilo que costuma suceder a todos em igualdade de circunstâncias.

O grupo *correspondeu* até à altura em que o brio e a energia chegassem, opondo-se com ânimo às investidas do adversário, e desenvolvendo por sua vez vários ataques m-lhor ou pior gisados. O resultado de 2-0 da primeira parte poderia até ter sido outro, e o árbitro não faz uma punição de *grande penalidade*. Mas dentro do primeiro quarto de hora da segunda parte o resultado chegou a 4-0 — e de então para diante semelhante *espécie* de grupo afundou-se por completo.

As indicações colhem-se com mais proveito no *team* que venceu do que daquele que ficou derrotado. Quanto à Académica — o resultado, pelas considerações feitas, não diminuiu — o seu prestígio ou a sua actual cotação. Relativamente ao Atlético deve afirmar-se que o *team* não revelou a *altura* doutras vezes, pois tendo-lhe sido dada uma oportunidade de *jogo de brilho e de efeito* a desperdiçou, em benefício do futebol vulgar, ou sem relâmpagos.

Jogo espectacular no Campo de Guimarães

Todas as partidas *fora de casa* são muito difíceis. Por tudo, e devido às snas últimas derrotas, não se apresentava ao Belenenses uma tarefa de facilidade.

O *team* correspondeu. Sob o ponto de vista espectacular, pode mesmo dizer-se que fez exibição brilhante, na sua já conhecida *meânica* de passes e toques. Muito bem — a meio do campo. Menos bem — à medida que se acercava das redes contrárias. Nem sequer a chuva e a lama afastou o *processo belenense*.

Ao seu *processo* e à perfeição da sua singular mecânica de passes e toques respondeu o Vitória (Guimarães) com rapidez, energia e *ideia de vender caro a derrota*. À sua acção faltou, no momento supremo, o remate, em geral tardio e mal colocado. Não fosse isso e o Belenenses sentiria, mais pesadamente do que sentiu, o peso da borrasca. Por outro lado, os médios de Guimarães, numa tarde inferior, não foram capazes de secundar os movimentos de uma linha avançada que tem, realmente, alguns valores.

A robustez sportinguista como causa justificativa...

O Salgueiros acusa a sua presença na prova, dando agora mais *luta* do que no início do torneio. Trata-se de um grupo animoso, mas o seu *quadro* não apresenta *valores* suficientes para a categoria da prova. Daqui resulta a *desorientação* — que leva a alterações constantes numa *linha* que não se pode *afinar* por semelhante processo, antes se desorganiza ainda mais. *Team* que não se fixa nas suas linhas gerais — nunca poderá ser grande *team*.

Por tudo quanto fica dito, deve já destacar-se o comportamento do Salgueiros na primeira parte, equilibrando a partida em termos de ver-se, mesmo com um pouco de emoção. Que, aquilo que sucedeu no segundo tempo, não deve causar a mais leve estranheza. A experiência, o fôlego, a melhor técnica, e ainda, por cima de tudo, a *robustez do Sporting*, impuseram-se de tal modo que o guarda-redes do Salgueiros não pôde sossegar um simples minuto, pois a bola raramente saiu da sua órbita.

Nessa altura, o Sporting impôs-se de alto a baixo, não estando em causa a classificação do jogo produzido e o resultado não podia ser outro, a não ser uma vitória mais valiosa. O grupo mostrou a sua coesão e o seu poder, ficando convenientemente nos seus fulcros, e movendo-se com perfeito conhecimento do que havia a fazer. De resto, aquela *robustez sportinguista*, a que alguns dão o nome de preparação física, representa, num campeonato como o nacional, a grande qualidade. Fundamentalmente a causa justificativa da *posição de n.º 1*,

Cartas ao Crítico

Temos recebido algumas cartas — a propósito dos nossos artigos de comentário das jornadas. A todas, e a pouco e pouco, faremos breve referência — que o espaço mais não consente.

Jaime Nunes (rua do Souto 3 — Braga) — Acusa-nos nada menos nada mais, de não termos do Futebol Clube do Porto, por que só falamos nos 3 maiores de Lisboa... Jogando com resultados e com números da classifica-

(Conclui na pág. 11)

PARA ENTRETER, enquanto as pistas descansam

ENCONTREI há dias um atleta meu conhecido que propôs-me a dizer: «Tenho lido as suas crónicas na «Stadium» e acho-as muito interessantes e úteis; noto, porém, que se destinam em exclusivo aos especialistas de saltos e lançamentos, como se nós, os corredores, não precisássemos também dos seus conselhos...»

— Homem! respondi — é muito mais fácil encontrar quem ensine e prepare um corredor do que um concursista, cuja técnica complicada requer profundo espírito analítico, experiência e estudo, incompatíveis com o autodidatismo e a superficialidade de conhecimentos dos treinadores portugueses. Comecei pelo que me parecia mais urgente, mas há-de tocar a vez todos.

— Se tivesse agora um bocadinho de tempo disponível, dava-me já umas pequenas explicações... — insistiu o rapaz, receoso de abusar.

— Aproveite a maré, que nem sempre vai assim de feição. Entremos aqui no «Palladium», e, enquanto aquecemos com uma chavenita de café, tu perguntas e eu respondo ao que souber...

Vêm duas «bicas», servidas por um poeta, para melhor paladar — e o interrogatório começa:

— Tenho cuidado afincadamente do meu estilo, sobretudo do trabalho dos braços, que me parecia defeituoso, mas apesar disso não consigo eliminar uma desagradável sensação de desequilíbrio, que mais se acentua quando acelero o ritmo da passada. Chego a ter a impressão de ziguezaguear na pista; porque será?

VI — Nem todos sabem correr

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

— O teu caso é muito parecido com o do pavão da fábula, deslumbrado pela plumagem, e que nunca reparara nos pés. Diagnosticaste o teu mal à base de um único sintoma — e os remédios aplicados não trouxeram melhoras, porque, afinal, o diagnóstico fôra errado. Já tinha reparado no teu defeito quando te via correr e por isso não hesito em sublinhá-lo, sem mais indicações do que o simples enunciado que apresentaste. O que prejudica a regularidade da tua corrida é a forma como assentas os pés no solo, com as pontas dos pés desviadas para fora. Para compreenderes melhor vou desenhar esquematicamente o teu caso e a posição correcta, aqui mesmo, na pedra branca da mesa (fig. 1): como o teu pé assenta na pista com o eixo desviado para fora em relação ao sentido da corrida, a impulsão exerce-se obliquamente e obriga o corpo a oscilar, sem necessidade, para um e para outro lado. Se te habituares a colocar o pé como agora o desenho, de eixo paralelo ao sentido

da corrida, a impulsão é integralmente aproveitada, sem o mínimo desvio lateral — que é o que te acontece e te dá a impressão de desequilíbrio.

— Vou tomar cuidado nêsse pormenor. Não haverá um remédio específico para o tratamento do meu erro?

— A cura depende, sobretudo, de muita atenção, até conseguires o automatismo correctivo; aconselho-te a prática da corrida no mesmo lugar, que é — como sabes — uma elevação alternada dos joelhos à frente, em cadência acelerada, tomando apoio no terreno com as pontas dos pés ligeiramente desviadas para dentro e exercendo o apoio de impulsão sobre o bordo inteiro do pé. Faz o exercício variando de cadência, mas sem alterar a técnica, e verás quanto êle te ajuda a modificar o actual defeito de estilo.

— Obrigado pela indicação. Dê-me também a sua opinião sobre a minha passada; tem-me visto correr várias vezes e deve ter reparado que aumentei consideravelmente a sua amplitude. Esperava simultânea melhoria de tempos mas pouco ou nada lucrei. Porquê?

— O teu caso é o de muitos corredores que esquecem uma lei fundamental do atletismo, embriagados pelo sonho ilusório de exemplos alheios: tanto te esforças para alargar a passada que perdes toda a naturalidade de esforço e consumes a cada movimento de pernas uma energia exagerada para o lucro que colheste. O estilo aperfeiçoa-se dentro de normas gerais — e uma delas é o aproveitamento máximo do compasso, mas nos limites dos recursos naturais de cada atleta, nunca perdendo a ligeireza e a simplicidade indispensáveis à harmonia do esforço. O corredor só alcança o óptimo da sua forma quando conseguir a completa contração de atitudes e movimentos, isto é, pôr em trabalho apenas os músculos indispensáveis a cada acção, conservando todos os restantes em absoluto abandono. Não imagines que é fácil; precisas de lutar contra tendências instintivas, dominar os nervos e preparar os músculos por meio de ginástica especializada, que lhes dê elasticidade e sentido muscular — que é uma espécie de inteligência muscular.

— Não percebo bem o que hei-de fazer, afinal: deixar à passada a amplitude natural, ou aplicar-me a aumentá-la pelo trabalho de treino?

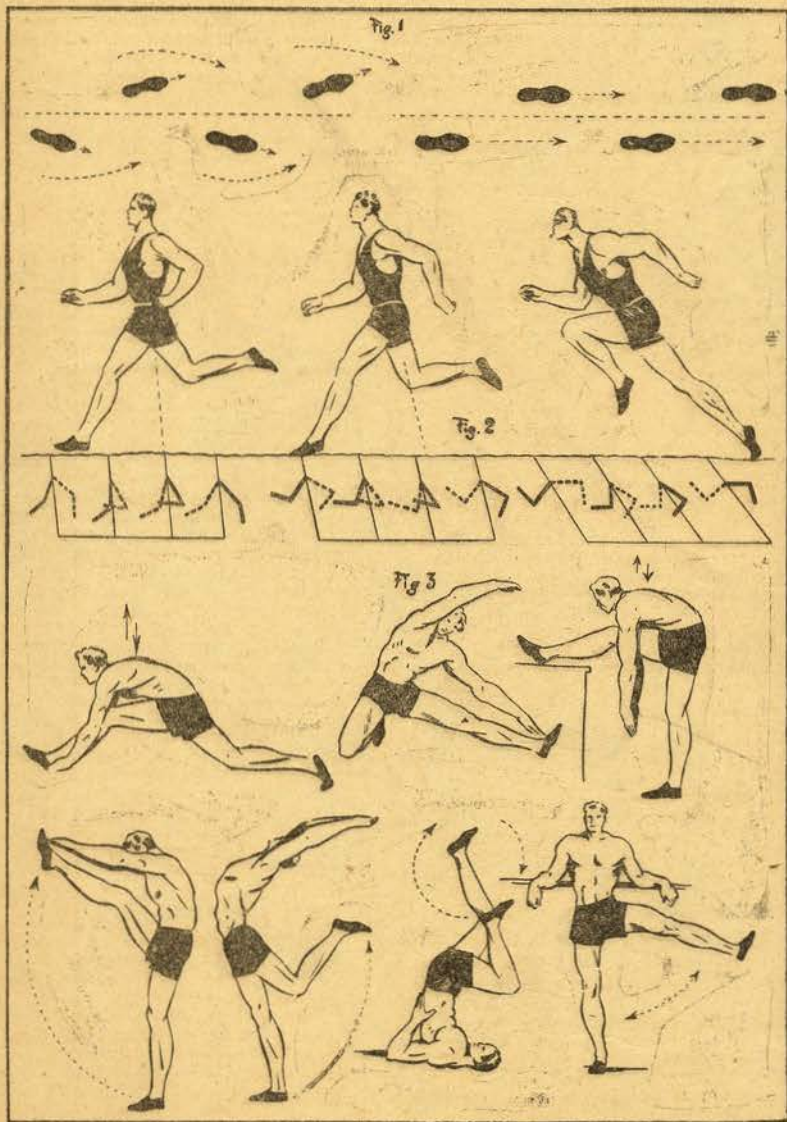
— Deves procurar aumentá-la, mas não pelo sistema que adoptaste: à força. O teu objectivo é ginástico: articulações e músculos de maneira que, ao correres, a passada seja maior sem tu dares por isso. Se, quando corres, tiveres de pensar em abrir muito as pernas, mal vai ela; o estilo sai sacudido, a impressão de esforço é notória e a fadiga chega prontamente.

— Se bem percebi, quere dizer na sua que a abertura da passada se consegue naturalmente, em resultado de uma ginástica apropriada, e não pelo empenho em correr nos treinos abrindo muito as pernas.

— Nem mais! O que tens feito até agora serve apenas para te obrigar a correr em contração, com esforço exagerado de braços e em luta permanente contra ti próprio. Repara nêste bonecos do livro que aqui trago: vê exemplos de alguns exercícios que convêm para o fim que procuras e são indispensáveis nas sessões de treino (fig. 2). Um quarto de hora de trabalho diário e verás, em pouco tempo, os benefícios que colheste — com muito menor fadiga.

— Diga-me só mais uma coisa, pois já percebi que está com pressa: lá no clube discutem comigo porque eu afirmo que a oscilação dos braços não deve ultrapassar muito o plano transversal do corpo. Li isto, se não me enganar, em qualquer artigo seu; mas teimam que os braços dos corredores de velocidade osci-

(Conclui na pág. 7)



Maria Júlia Silva do Belenenses — abandona o desporto!



nos jogos efectuados contra a selecção do Barreiro. No último encontro, foi distinguida com o encargo de capitanear o seu «team». E, se não fôsse a infelicidade de ter fracturado um braço precisamente no período em que a convocaram para os respectivos treinos, teria feito igualmente parte da selecção que jogou contra a do Pôrto, em 1936...

Estas ligeiras notas focam, embora ao de leve, a actividade de uma desportista que afirmou valor— e que tem ainda a sublinhar o seu esforço um pormenor digno de

pôr em realce: a dedicação pelo clube que representou

Praticante de «hockey», atletismo e «baskets», nadadora e velocipedista, Maria Júlia vai desaparecer dos campos de desporto e dedicar-se exclusivamente à elevada missão da Mulher no lar. Mas deve ao desporto o fortalecimento físico e moral que lhe permitirá enfrentar com coragem as contrariedades que a vida a todos reserva...

A pouco e pouco, os melhores valores do desporto feminino português vão desaparecendo, sem que apareçam novas praticantes a dar continuidade a uma obra que tantos benefícios traz à cultura física da mulher.

Hoje cabe a vez de anunciar a despedida de Maria Júlia Silva, gentil desportista de «Os Belenenses», clube que representou dedicadamente, em diversas modalidades, durante cerca de uma dezena de anos.

Começou a sua actividade no desporto em 1935, na equipa de «hockey» em campo, revelando verdadeira intuição. O facto de ter sido extinta a respectiva secção no club não lhe deu aso a revelar-se. Passou a praticar atletismo em 1937 e concorreu aos campeonatos regionais desse ano, fazendo parte da equipa de estafetas de 3x60 metros a qual estabeleceu o «recorde» do sul, de parçaria com sua irmã Lucilla, a inolvidável campeã, e Maria de Lourdes Rio. Depois de brilhante classificação numa prova de 100 metros, disputada em torneio organizado pelo seu club, conquistou o 2.º lugar na prova de «cross» efectuada, no mesmo ano, no Parque Eduardo VII, na qual triunfou Lucilla— e o Belenenses obteve a taça «Timor», mercê do esforço generoso das duas irmãs. Mais tarde, em 1941, Maria Júlia— ainda com Lucilla e Maria Natália Gomes, esta substituindo Maria de Lourdes Rio— voltava a formar o trio da equipa que, na mesma prova de 3x60, igualou o «recorde» então estabelecido.

Foi, porém, no «basket-balis» que melhor se evidenciou a simpática Maria Júlia. Fez parte dos grupos que conquistaram os campeonatos de 1936/37, 1937/1938, 1938/39 e 1942/43. Teve a honra de ser seleccionada para a equipa representativa de Lisboa, em 1940/41 e 1942/43,



O campeonato de ginástica da GUARNIÇÃO MILITAR

A educação física do soldado tem sido desde há anos objectivo de cuidados especiais no nosso Exército, reconhecendo-se ser indispensável a sua aplicação metódica e intensiva para o melhor aproveitamento das faculdades militares dos homens nas fileiras. As reconhecidas virtudes do soldado português, beneficiando dos resultados da ginástica educativa e de aplicação militar e do exercício desportivo, ficam valorizadas ao máximo para o que lhes possa exigir o interesse supremo da Nação.

No intuito de avaliar os progressos obtidos com a orientação posta em prática durante o tempo da instrução dos recrutas, realizaram-se, em todo o país, as provas regionais de selecção do Campeonato Militar de Ginástica, disputado por classes de cinquenta soldados de cada unidade, num conjunto de provas compreendendo lições de ginástica de desenvolvimento geral e de aplicação militar, e um concurso de saltos.

Tôdas as Regiões Militares haviam disputado os seus concursos no final dos trabalhos da primeira incorporação, excepto a Guarnição Militar de Lisboa, que por motivos justificados de serviços especiais só agora o pôde fazer.

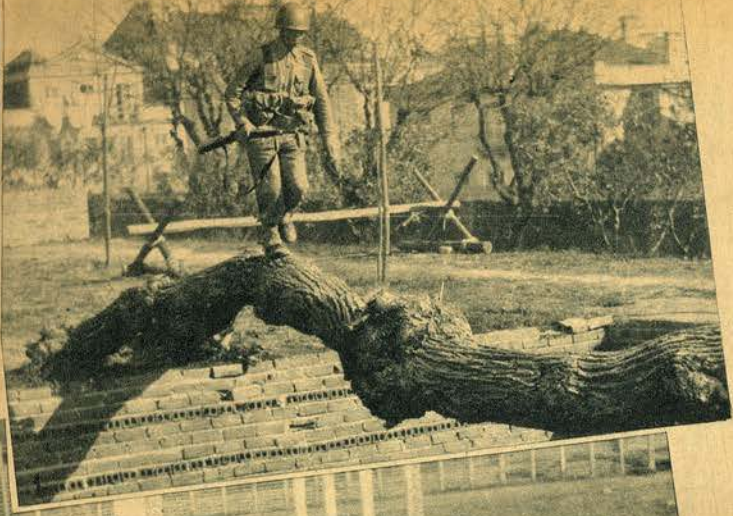
As provas decorreram com regularidade e assentado relêvo, durante os dias da semana passada, no ginásio e no campo de jogos da Escola do Exército, pondo em evidência o excelente aproveitamento das praças, cujo desembaraço, decisão e apuro certificaram, nas passagens mais difíceis do programa, uma evolução que demonstra o valor da matéria prima e o bom critério do trabalho de aproveitamento.

Foram oito as unidades concorrentes, das quais saiu vencedora na classificação geral o Regimento de Artilharia Pesada 1, cujo comportamento foi magnífico e cuja apresentação impressionou, pela robustez e estatura dos ginastas seleccionados. Classificaram-se em seguida e pela ordem em que os indicamos o Batalhão de Caçadores 5, Batalhão de Metralhadoras 1, Defeza Anti-Aérea, Regimento de Cavalaria 2, Regimento de Infantaria 1, Regimento de Infantaria 11 e o Grupo de Artilharia contra Aeronaves 1.

A entrega dos prémios foi feita no domingo passado, numa festa que de novo poz em realce os excelentes resultados conseguidos por intermédio da instrução ginástica, mais de admirar ainda pelo curto espaço de tempo — apenas três meses — durante o qual os soldados a receberam.

Incontestavelmente, estes campeonatos patentearam a profundidade, — para nos servirmos desta palavra que está em moda — do trabalho desenvolvido pelos orientadores da educação física no Exército, os quais se ocuparam, em paralelo, da preparação de instrutores em número suficiente e do ensino sob normas uniformizadas, a todos os recrutados nas várias unidades do país.

Não podem considerar-se definitivos os resultados deste ano: mas são a prova cabal de que se está no melhor caminho — e muito perto do fim.



1
Na prova de obstáculos, um soldado atravessa o fôssco com tóda a tran-
quilidade.

2 e 3
Aspectos dos exercícios de ginástica de aplicação militar.

4
O grupo dos premiados
(fotos C. Madeira)

CARLOS PIRES mantém-se na posse do título de Campeão de Portugal

COM a realização deste importante torneio foi possível fazer-se já uma ideia do muito que a vitalidade do Xadrez desportivo p. de proporcionar, quando explorada com perfeito conhecimento de causa.

Deu-se, realmente, desta vez, um grande passo na propagação da modalidade. Jogadores, público e imprensa contribuíram para que o campeonato nacional de Xadrez tivesse larga repercussão.

Imensos problemas, porém, carecem ainda de ser resolvidos. Apontam-se, em ligeira resenha, alguns que nos parecem de capital importância, como a remodelação da orgânica da prova, a necessidade de se estabelecer contacto directo com a Imprensa e o facto das instalações onde se efectuam as partidas não corresponderem ao que delas esperam jogadores e público, este cada vez mais numeroso e exigente. Sobre este último caso, lembramos o facto da ventilação natural da sala, quando das «enchentes», ser insuficiente para expulsar a densa nuvem de fumo de inúmeros cigarros, o que de certo em nada concorre para benefício dos jogadores... Quanto ao primeiro problema, ou seja o da melhor forma de disputar a competição máxima portuguesa, supomos suficiente a realização do Torneio dos Mestres com o objectivo de apurar, não o campeão nacional, como até aqui se tem feito, mas o candidato que disputasse depois o título ao detentor actual, num encontro para esse fim. Adoptando-se este critério, que aliás é prevista pelos regulamentos da Federação, julgamos que muito lucraria a modalidade; pelo menos teríamos, no calendário das provas, mais uma a todos os títulos digna da maior atenção.

A classificação final do torneio deu-nos os seguintes números:

1.º Carlos Pires, 7 pontos; 2.º dr. G. Ribeiro, 6,5; 3.º João M. Ribeiro, 5,5; 4.º G. Russell, 5; 5.º F. Lupi, 3,5; 6.º dr. P. Braumann, 2,5.

Nota-se aqui a ausência dos Mestres drs. A. Maria Pires, Mário Machado e João de Moura, antigos campeões nacionais, e do dr. João Maria da Costa, falecido há duas semanas.

Reduziu assim a seis competidores, sendo dois deles candidatos à categoria de Mestre e outro inibido de disputar o título máximo, o elenco foi mesmo assim bem constituído e a luta que travaram entre si tornou-se renhida e equilibrada, sendo de notar a grande percentagem de empates (14 em 30 partidas). No campo da Teoria, o nível foi promissor, mas a qualidade do jogo, porém, vista em conjunto, foi um tanto inferior.

Uma particularidade a destacar no estudo dos estilos em presença: a calma, desta vez, levou nitidamente a melhor contra o dinamismo!

É bem certo: o Xadrez deixa por vezes de ser simplesmente um jogo para ser também «guerra de nervos»!...

Desde o início da prova, Carlos Pires levou quasi sempre ligeira vantagem sobre os seus mais directos rivais. A luta que se travou pela primeira classificação foi, contudo, bastante dura; só na última sessão se decidiu a «contenda» — e muito bem, digamo-lo com justiça.

De facto, Carlos de Araujo Pires é quem, no momento presente, mais qualidades reúne para deter o título máximo do Xadrez nacional. A sua exibição no torneio findo, em análise profunda, pode não ter sido brilhante, mas foi a melhor de todas — e isso é quanto basta para merecer um campeonato. Dentro do seu estilo de «jogo posicional», jogou como nenhum, sem todavia atingir — e disso estamos certos — a plenitude dos seus recursos. As partidas, de relativo valor sob o ponto de vista tático, acusaram a influência do método do condutor, quanto ao «tempo regulamentar». Carlos Pires é excessivamente meditativo; depois de consumir perto de uma hora nos preliminares da partida,

joga geralmente a última dezena de lances do «controle» com a «seta» do relógio ameaçando decidir a contenda sem mais delongas!...

Pode alegar-se o facto de Carlos Pires não estar ainda completamente curado da sua vista, o que possivelmente inferioriza o seu raio visual. Aceitamo-la como atenuante, mas não como uma justificação lógica deste seu método. Este é um problema que o campeão nacional terá de ponderar, se quiser manter a supremacia que tem sobre os outros xadrezistas.

O dr. Gabriel Ribeiro, que volta de novo às lides xadrezísticas, bateu-se bem e conquistou o 2.º posto — posição um tanto lisongeira em face da posição real. O seu jogo, à base da segurança, não foi de molde a acreditar-se como puramente «posicional»; é demasiado sóbrio para que pudesse fazer resultados mais positivos e convincentes do que aqueles que obteve.



CARLOS PIRES

pois metade dos seus jogos tiveram aquele significativo resultado. Todavia, temos de concordar que há perto de 6 anos não tomava parte em competições, o que naturalmente pesou no rendimento dos seus recursos.

O 3.º lugar foi obtido, com mérito absoluto, pelo jovem titular nortenho, João Mário Ribeiro, a maior revelação dos últimos tempos. Sendo a segunda vez que participa em competições desta natureza, a sua actuação excedeu o que esperávamos. O ingresso no elenco efectivo dos Mestres é o justo prémio do seu belo esforço e tem a justificação a mestria de que deu provas, em todos capítulos da partida, apenas com um ligeiríssimo «senão» no Final, dado que é nessa fase que mais se reflecte o factor «experiência». De modo geral, João Ribeiro mostrou-se muito subtil no ataque; o estilo, contudo, manifesta expressiva tendência para o jogo de posição, o que torna a sua classe ainda mais admirável. No entanto, é a abertura que parece ser o seu forte, em relação aos xadrezistas lisboetas. Lembramos, a propósito, o seu primeiro jogo contra Lupi (vidé «Stadium» n.º 62) e depois contra Carlos Pires e Peter Braumann, na 2.ª volta — partidas em que provou incontestável competência nesta complexa parte do Xadrez. Oxalá os jogadores da capital, agora estimulados pelo exemplo do jovem portuense, se dignem finalmente olhar com mais consideração para os princípios teóricos da abertura — complemento imprescindível para um xadrezista de categoria... e de responsabilidade!...

Gabriel Russell, o mais antigo mestre inscrito, conseguiu uma classificação que se ajusta às suas possibilidades actuais. Mais não pode aspirar, simplesmente porque a passividade do seu jogo não permitia tal ascensão. A subida de forma, a que aludimos no último número, é em grande parte devida ao aperfeiçoamento, ainda que ligeiro, com que Russell

DE um nosso distinto colaborador, que usa assinar «E. & C.» e é um técnico concituado em assuntos de desporto e particularmente de hipismo, recebemos a carta que publicamos a seguir e que traduz também, com exactidão, a nossa maneira de pensar:

Meu caro amigo: Ando agora muito agitado o problema das críticas e dos criticados... Ora o acaso fez chegar às minhas mãos um exemplar de uma revista técnica, na qual, se bem me parece, encontro possíveis referências aos comentários que, da minha autoria, a Stadium publicou acerca do Concurso Hipico de Lisboa de 1943.

Se o espaço de que V. dispõe o permite, muito grato lhe ficarei pela publicação desta carta, na qual, despretenciosamente, e sem pretender dar lições ou expatulações ao autor do artigo em que supponho encontrar a alusão a que me reportei, venho dizer o que penso sobre criticas d. sportivas.

As criticas são feitas segundo a maneira como quem as faz analisa e aprecia os factos a que se refere, e, desde que sejam correctas, tudo é permitido dizer; não haverá jamais razão para que qualquer desportista se melindre pelo facto do critico discordar da sua actuação nesta ou naquella prova. Não quero significar com isto que os visados concordem com o que se descreve — podem, evidentemente, discordar — mas repito: não têm o direito de ficarem melindrados desde que não existam afirmações de caracter pejorativo e que o comentário se limite apenas à sua acção como desportistas. A minha experiência de longos anos no desporto leva-me a tirar uma conclusão positiva: só se «sangam» os criticados quando se escreve de accordo com o que todos pensam — mas poucos dizem...

O articulista a que me referi, usando expressões que não imito para manter a «correção» da critica, sem rebater em nada o que afirmou (se bem que as apreciações sejam livres e, consequentemente, os criticos também estejam sujeitos a elas), reprova o ter-se assinado apenas com iniciais. Posso afirmar que, alem do caso ser frequente, existe ainda o motivo de, num meio pequeno como o nosso, ter o critico algumas vezes a necessidade de se criticar a si próprio — embora este não seja o meu caso — e para dizer

(Conclui na pág 15)

dotou o seu estilo. A pesar de continuar submetido às boas regras da segurança e da prudência, o seu jogo acusou bem os efeitos da concepção mais elevada que manifestou pela Teoria, o que, consequentemente, melhorou o nível técnico das partidas, anteriormente de mediocre valor.

Francisco Lupi, contra as perspectivas gerais, não conseguiu mais do que o modesto 5.º lugar, pondo em cheque os seus créditos como candidato ao título de Mestre. A apreciação do seu jogo torna-se de certo modo delicada, visto ter actuado em condições anormais, sob tremenda depressão, que naturalmente influiu no rendimento das suas faculdades intellectuais. Lupi demonstrou, a nosso ver, alta concepção da abertura e do ataque; não soube, ou não pôde, porém, concretizar positivamente essa superioridade. Faltou-lhe, de modo geral, o sentido prático da partida — o que lhe acarretou a baixa pontuação obtida, insufficiente para ascender à categoria superior.

Por último, temos mais uma classificação surpreendente: a do dr. Peter Braumann, decerto a primeira vez que desempenha papel de «lanterna vermelha»! Foi a sombra de Peter Braumann e não o talentoso xadrezista que, ainda na época passada, bateu todos os Mestres, na edição anterior! Não sabemos bem a que atribuir tão nítida baixa. Sublinhamos aqui, no desejo que lhe incutir o gosto pelo Teoria moderna, a rude prova a que foram submetidos os seus sistemas predilectos de abrir os jogos, nomeadamente a abertura Ponziani e o «ambiente de Budapest, ambos jogados contra o habilidoso mestre portuense, João Mario Ribeiro. É certo que lhe foram infligidas algumas derrotas imerecidas, mas, na generalidade, a actuação de Braumann foi péssima, seja qual for o motivo de-te declínio. De resto, o seu interesse pelo torneio deve ser bastante limitado — se é que isto pode servir de atenuante para o modesto comportamento de Mestre Peter Braumann.

VASCO C. SANTOS

O mesmo acto provoca muitas vezes comentários diametralmente opostos. Ai vai um caso — para amostra...

Há meses, num jogo de futebol em que o Belenense dominava sem marcar pontos, o treinador desloca Rafael para avançado-centro — e o clube ganhou. A resolução do treinador foi largamente comentada como prova do seu valor. Há dois domingos, appareceu Rafael no eixo da linha avançada — e o clube perdeu. O treinador apanhou poeiras... Em futebol, as soluções desta ordem valem sobretudo pelo resultado... Um grupo que vence, joga sempre bem...

*

VIANA do Castelo dispõe de um local esplêndido para provas de remo — a pista serena do rio Lima. É o centro de turismo em pleno progresso, especialmente por causa do famoso Monte de Santa Luzia. Reunindo a excelência do local com o espirito de iniciativa dos seus núcleos de turismo, pensa-se em Viana, segundo lêmos no nosso prezado colega «Diário de Lisboa», na organização dos campeonatos peninsulares de remo, disputados, no ano passado, em Barcelona.

A sugestão é interessante. Entre nós, parece-nos mesmo que só se poderá escolher entre Figueira e Viana do Castelo. Mas convém não perder de vista a data da realização, para que a iniciativa logre o melhor êxito de propaganda para Portugal.

*

AS nossas relações desportivas com Espanha andam em maré de tentativas, nem sempre coroadas de êxito. Nos desportos em que os encontros comêem a Espanha, nem sempre nos servem a nós. E há muitas vezes o escolho da dívida quanto a possibilidades financeiras da organização.

Em nataçào tem succedido isso. Volta a falar-se no Portugal-Espanha, tentado nos últimos anos. O local seria Barcelona, na primeira quinzena de Abril. Oxalá que a idéa consiga agora viabilidade — e seqüência.

*

TEMOS falado por vezes da acção dos jornais pequenos, e de alguns órgãos de clubes, para pôr em relevo a utilidade desses periódicos, quando bem orientados. E é de registar o espirito de sacrificio com que em geral se mantêm nêles a colaboração redaccional e cooperacào administrativa.

Os melhores exemplos desta imprensa, entre nós, são o «Boletim do Belenense» e o «Sport Lisboa e Benfica». Alguns dos últimos números de ambas as publicacões são interessantes — pelo que contribuem para a boa propaganda desportiva.

*

COM o inverno, appareceu a neve na Serra da Estrêla, Começa pois, a época do sky — sempre atraente e emotiva.

O frio tem também as suas atracções!

*

ANUNCIAM-SE vários jogos de futebol com selecções regionais, para o próximo mês de Abril. A Páscoa vai florir, este ano, entre afirmacões de boa camaradagem, que podem ser excelentes jornadas de propaganda...

Estão projectadas duas edições do Pôrto-Lisboa e um Lisboa-Viscu. A expansào heboeta encaminha-se para o norte...

*

NA série dos clubes em festa por motivo do seu aniversário destacamos, desta vez, o Seical Futebol Clube. Completou 19 anos e dispõe de excelentes condições de progresso no futuro. Os nossos parabéns.

*

EM Março, passa o aniversário da Federação Portuguesa de Futebol, criada com o titulo de União Portuguesa de Football. Os trinta anos que mediam entre a fundacào e o actual desenvolvimento, marcam uma evoluçào que é absolutamente notável na organizaçào federativa do nosso desporto mais popular.

HÁ factos de enorme importância na vida das colectividades desportivas. No entanto o tempo passa e certos acontecimentos, mesmo os de maior transcendência, dizem-se na memória dos que interessadamente os viveram.

Convem por isso recordá-los, avivando-lhe alguns dos seus pormenores e focando os problemas mais importantes que lhes estão ligados — e que tanto podem representar na vida de um clube.

É o caso da visita que há tempo o sr. Director Geral dos Desportos fez ao Clube Atlético de Campo de Ourique. Alem do seu significado, representou como que o prémio de quanto entusiasmo e dedicado esforço lhe dão os seus dirigentes e associados, para que cada vez seja melhor cumprida a magnífica acção desportiva e social a que a popular colectividade se votou.

Foi por isso com justificado orgulho que os directores do clube receberam o sr. tenente-coronel Salvaçào Barreto — orgulham pela honra da visita e pela obra que puderam apresentar, que se impõe e lhes dá o merecido direito de esperar com confiança e o precioso auxilio das entidades officiaes.

Claro que este auxilio não pode, por enquanto, ser proporcionado na medida das necessidades existentes para cada caso. De resto, o espirito que presidiu à criaçào da Direcção Geral dá a esta entidade funções de vasta projecção no desporto nacional — e a imensidade de assuntos e a vastidão de trabalhos exigem tempo e ponderaçào para que de tudo se possa cuidar com o indispensável método.

Evidentemente que os casos como o da simpatia colectividade hão-de ser estudados no momento próprio. Os 22 anos de existência do Campo de Ourique significam boa colaboração no desporto português, conquistando amplamente a simpatia de quantos compreendem e seguem a sua bela actividade. Basta recordar, sumariamente, o trabalho deste clube, para se reconhecer quanto tem produzido de útil. E nem pelo facto de se ter afastado um pouco da modalidade desportiva que foi o motivo principal da sua fundacào — o ciclismo — se quebrou o ritmo do seu labor. Antes, porém, se desenvolveram no Campo de Ourique novas facetas que têm dado ao clube o mais acentuado prestígio.

Progredindo sempre, não só tem melhorado as suas instalações desportivas e as da sede, como rodeou de preocupada atençào as

O «rugby» vai fazer a sua reapariçào: primeiro com um torneio particular do Belenense, depois com o campeonato de Lisboa. Regressa um pouco tarde. Mas é possível que lucre com a demora.

OS clubes populares vão ter novamente o seu campeonato, organizado pela Associaçào de Futebol de Lisboa. É apreciável o esforço dos clubes populares, sendo muitas vezes digno de elogio. Conviém estimulá-los, no bom sentido...

DE modo geral, os nossos problemas desportivos não diferem grandemente dos que surgem no país vizinho. Alia-se, pois, a alguns dos nossos clubes, este comentário recortado de um periódico madrilenho:

«A tragédia dos clubes com limitados recursos financeiros reside na impossibilidade de reter os seus jogadores quando começam a afirmar alguma classe»

A caça ao homem — eis o grande mal.

EM futebol, decretou-se, provisoriamente, para a época em curs., a suspensào da transferencia de jogadores. É pura e sejar que a forçada fixaçào do jogador ao clube não é a situaçào de desagracação... Em qualquer jogo de equipa, o que importa é o conjunto. E o melhor — é o mais voluntário...

várias secções especializadas: a gymnástica, o «basket», o «hockey» em patins, o patinagem, o tiro reduzido, o ténis de mesa, o campismo e a aviominatura, êstes mais recent-s, não esquecendo a sua «Escola de Educaçào Moral e Civica» que representa atestado valiosissimo de quanto pode conseguir um clube de desporto no campo social.

Esta actividade movimenta actualmente cerca de 300 desportistas.

Mas, apesar de toda essa magnífica obra, que por si só impõe o Campo de Ourique, o clube não está disposto a abrandar o seu desejo de realizar.

Quando, a propósito da visita do sr. Director Geral dos Desportos, nos acercámos do presidente do Campo de Ourique, sr. António Ramalho, para que nos revelasse os projectos que tanto podem influir na vida do clube, ficou-nos a certeza de que aquêlle enorme e entusiástico desejo poderá ser em breve uma realidade.

— A impressào que nos deixou a visita do sr. Director Geral dos Desportos foi a melhor que poderíamos colher ao apresentarmos-lhe este nosso devotado trabalho pela vida e acçào do clube!

«Projectos? São muitos — e defendemo-los com o entusiasmo com que continuamos a agir no Campo de Ourique, um clube onde só se praticam desportos menos populares mas que merece ser grande. A nossa missào tem-se alargado até onde tem sido possível. Mas agora, que a vida da colectividade atinge superior importância, torna-se necessário que uma ajuda forte chegue, em auxilio desta obra — que não só é do bairro, mas de todos.

«O nosso grande desejo, o sonho que queríamos ver convertido em realidade, é a construcção da sede no local onde, possuímos as nossas instalações desportivas. Este é presentemente o grande projecto! E a esperança de que o poderemos ver realizado é hoje maior, após a honrosa visita do sr. tenente-coronel Salvaçào Barreto.

O Campo de Ourique está lançado numa obra valiosa em pról do desporto. O futuro, virá provar, por certo, a justa admiraçào a que já tem inegável direito.

PARA ENTRETER enquanto as pistas descansam (Conclusão da pág. 3)

lam acentuadamente adiante e nem pode ser de outra forma.

— Deixa-os falar; êles têm alguma razão — mas tu tens toda a razão... O movimento oscilatório dos braços pouco deve, como regra geral, vir adiante do plano transversal do tronco, com os ante-braços tanto quanto possível em posiçào horizontal, o que se consegue variando o ângulo de flexào do cotovelo; mas a forma de mover os braços varia com a classe de corrida e é tanto mais vincadamente anterior — desculpa a expressào — quanto maior for a velocidade de corrida. Isto por uma razão muito simples, dependente do equilibrio dos vários sectores e relacionada com a inclinaçào do corpo para diante, que é, como podes ver por êstes desenhos (fig. 3), tanto mais acentuada quanto maior for a rapidez de deslocamento.

— Parece-lhe entào que... — Desculpa rapaz, mas já me não parece mais nada; são horas de ir à vida. Se quizeres mais conversa, pas-a por aqui a esta hora, que cá me enc ntras todos os dias, no vício do café e da palestra — para distrair as idéias...

N. da R. — Na crónica desta série publicada no nosso último número «Carta a um lançador de dardo» salu truncada a primeira figura, na qual faltou o alvo citado no texto. Repetia-emos, completa, no próximo número, já que a falta de espaço impede de o fazermos agora.

14.^a Jornada
 Os jogos
 da TAPADINHA e do CAMPO GRANDE
 VISTOS DEBAIXO de CHUVA...



BENFICA-F. C. PORTO: 1—Correia Dias bate Martins, fazendo o 1.º «goal» da tarde; 2—Manuel da Costa em luta com a defesa nortenha; 3—Barrigana defende carregado por Pires; 4—O 6.º «goal» do Benfica, feito por Manuel da Costa, de «penalty»; 5—Correcta atitude de César Ferreira; 6—A quem gosta de futebol—nem a chuva afasta... ATLÉTICO-ACADEMICA: 7—Um dos jovens defesas dos estudantes corta um passe de Ramos Dias; 8—Acácio (no chão) e toda a defesa coimbrã batida, consentem o 4.º ponto lisboeta, feito por Pratas; 9—O 5.º «goal» do Atlético, no qual Acácio foi surpreendido pela trajectória da bola, atirada por Marques. (fotos Nunes d'Almeida)

QUANDO chegámos ao estádio do Lima, naquele dia de treino dos campeões regionais, havia muito pouca gente.

Já lá estava Lippo a «spuzar» Soares dos Reis II; pouco depois furam entrando Pócos, Chico, Araújo, Guilhar, Anjos, Simão, Neca, Maíto, Zeca e Faria. O treino principiou, portanto, com mais intensidade. Nas balanças do sul, Soares ia respondendo, conforme podia, aos remates de Faria, Araújo e Pócos. Guilhar e Chico trocavam entre si pontapiés a cruzar o terreno, de ponta a ponta.

Lippo chamou Maíto — e aqui tivemos o ensejo de assistir a uma lição de técnica. Maíto ia corrigindo alguns erros; a lição consistia no domínio de bola e entrega razeza aos interiores e extremos. Isto consistiu no treino de Maíto.

Entretanto, ao lado norte, Simão ia praticando, muito raramente, bloqueando ou sacando os remates de Pócos, Zeca e Neca. Pelo que lhe vimos fazer, chegamos à conclusão de que, se o guarda-rédes de «côr» do F. C. Pôrto não tem ainda o estôjo de um grande «keeper», também não é a «negação» que alguns preferem. Notamos-lhe qualidades essenciais para o seu difícil lugar: decisão, rapidez, segurança e um estilo a desenhar-se no domínio da bola. Tivemos pouca sorte por não o vermos actuar num treino de conjunto; aguardamos essa prova para, depois, podermos, com maior realismo, escrever alguma coisa mais. Entretanto — e isto vai sem remoço para ninguém: achamo-lo mais em «formas» de que alguns guarda-rédes que temos visto em campo ultimamente...

Curiosa a «revelação» de Anjos a extremo; bom a internar-se e com pontapé certo e razeza às rédes. «Quando houver falta de um ponta-direita, cá estou eu para o lugar» — afirmou. De facto, pelo que lhe vimos fazer, não há engano no comentário.

O treino acabou com Guilhar no seu pósto, a interceptar de cabeça os passes em cruzamento de Anjos ou de Faria, na conclusão de lançamentos feitos por Maíto.

Treino possivelmente aborrecido para quem assiste, mas fértil em resultados para quem joga.

Alguns directores presentes, em zurdina, trocavam entre si comentários... sobre Simão.

Surpreendemos — e aplaudimos, por boa — a decisão de que Simão iria jogar «handball» ainda esta época, enquanto não pode alinhar oficialmente em futebol.

Só tem tudo a perder do facto, pois, como se sabe, em «hand-ball» a colocação da bola é feita com mais certeza — e quanto a velocidade os remates não devem fiar a dever muito ao «desporto-reis»...

Notas... sem valor

DOMINGO de Carnaval! Dois jogos no Estádio do Lima — com características adequadas à quadra...

O Académico-Colmeões foi uma partida monótona, cortada de incidentes a responsabilizar um homem: Fernando Couto. A F. P. F. tinha lá, por certo, o seu representante, como delegado, para observar bem os factos, tirar deles o corolário preciso e proceder dentro da razão e da justiça. Um «academista» — Armando — não tinha razão para «dechar» o programa da festa como o fez: excesso de nervosismo... Note-se que o jogador «salvino», já farto de tantas «gentilezas», não teve calma suficiente para suportar mais as «chirindadas»...

Reapareceu Alcibades Rodrigues da Silva, mais conhecido no meio desportivo como «Bibi», a quem o nosso camarada Manuel Mota fez justiça, como dos bons guarda-rédes do norte, no seu tempo. Afastado há muito dos campos, por motivos de ordem particular, foi agora levado a jogar por um grupo promocionário, envergando a equipa do «Grupo de Nova Sintas». Está em boas condições físicas, dispondo dos seus bons recursos — que podiam ser aproveitados por alguns clubes da 1.ª divisão...

Mais um novo jogador foi experimentado na turma do Académico, no jogo contra o Colmeões, e que veio do Sport Contribuição: Hordado Cunha. Tem habilidade — mas precisa de muito treino para defender o seu lugar na primeira categoria.

O Campeonato Regional de Júniores, quasi no final, está sendo muito bom, sob todos os aspectos. De jornada a jornada cria maior ambiente e revela novos valores, que podem vir a ser muito úteis aos clubes se forem bem orientados, em especial por aqueles que estão lutando com crise de elementos criados dentro dos seus campos. Tem, todavia, de afastar esses jovens jogadores de certos meios, prejudiciais pelo contacto permanente com ambientes nocivos...

O Salgueiros vai modificar as suas instalações, na parte referente à Imprensa. Garantido-se que, além de boa comodidade, serão dadas maiores facilidades. Será o Salgueiros o primeiro clube a merecer da Imprensa, e dos que nela trabalham, palavras de franco elogio? Oxalá que sim! Lopes Martins, conhecido entre os bombeiros voluntários por «Toninho do Pico», que se sacrifica inteligente e honestamente pelo «seu» Salgueiros, foi dos primeiros a querer para os jornais, dentro do seu campo, «espaço vital»...

REVISTA DA SEMANA

Do «basket-ball»

DEPOIS de um período áureo, que durou alguns anos, o «basket-ball» nortenho parece querer agora, inexplicavelmente, voltar ligeira «descida».

O que pode julgar-se como «pretextuismo» de larga visão para o cronista, é, no entanto, justificado pela forma como os grupos cultores do «basket» no Pôrto estão agindo neste período de acção.

O Académico acentua um desvalimento que faz pena; a simples ausência de dois titulares tirou ao conjunto a forma definida, o entusiasmo, o combate, a vontade da triunfo. O que prova isto? Que o Académico só tinha «cinco homens», porque os seus suplentes não estavam à altura de preencher as vagas resultantes dos afastamentos registados.

Mas os outros, os de «primeira», também não deixam de sentir os resultados de muitos erros cometidos. São bastantes. Aponá-los, não vale a pena fazê-lo, porque cada dirigente vê o assunto sob o «seu» aspecto particular, sob o seu sentir clubista, sem olhar aos interesses da modalidade que diz defender. Há no «basket-ball», têm-o dito algumas vezes, um grande defeito: usa-se e abusa-se do físico dos jogadores, de forma absolutamente destrambelhada, para não dizer doutra maneira... E passemos adiante.

Do «handball»

Cá estamos no nosso elemento!

É aqui que mais nos dói, porque sentimos o mal do «handball», ao qual deixamos ligada parte da nossa vida de propagandista da modalidade — que poderia ser qualquer coisa de excelente... se tivesse prosseguido nas pisadas do anos atrás.

Que vemos hoje? Ignorância quasi completa dos regulamentos e finalidade desportiva do jogo, um aniquilamento de vontades por subserviências a interesses... de qualquer outra espécie, menos daquela que deve ser servida: a da modalidade!

Há, no entanto, entre os dirigentes regionais, pessoas que se dedicam de alma e coração ao «handball». Um exemplo, entre tantos, José Pinheiro Júnior, um novo que tem vontade de acertar, elevando este belo desporto por meio de métodos de trabalho definidos — e que é já alguém dentro do «handball» português.

Donde veio? Do Villanovense, que continua sendo uma «boa escola» de dirigentes.

Orgulhamo-nos de ser dos que nos sacrificamos pelo «handball», que deixamos por lá boa parcela do nosso esforço, da nossa vontade de fazer da modalidade qualquer coisa de dignificante. Por isso é-nos grato, sem vaidades balofoas e sem servir coligações, registar este promissor, dos poucos bons entre os muitos maus...

É preciso arranjar quem dirija e quem saiba jogar — mas jogar dentro das regras.

É um dos problemas de maior acuidade, que affige o «handball» e pode ser causa de ruína, é, sem dúvida, o dos árbitros.

Dizemos bem? Dizemos mal? Dizemos o que é do nosso conhecimento e que a nossa consciência de desportista nos obriga a comentar. Nada mais...

FLOREANO BASTO

A propósito de «revistas»...

PODE parecer deslocado o que a seguir se vai ler — porque vamos tratar de um assunto que, embora ligado à causa desportiva, não é propriamente desporto.

Mas, na conclusão deste comentário, ver-se-á a razão que nos assiste a abordar o facto e tecer, sobre ele, algumas considerações.

De há muito que vários escritores teatrais, autores de revistas, criam números dedicados ao desporto em geral, ou a certos clubes, como o Benfica, o Salgueiros, etc. Claro que, neste particular, os autores procuram explorar a «doença» dos simpatizantes, cercando uma rãbala destinada a sair para a peça a atenção dos adeptos de um ou outro clube, seja ele qual for — mas, geralmente, um que esteja mais na «berlinda» ou que disponha de grande massa associativa ou de admiradores.

Não podem ser, por esse motivo, aivos de qualquer crítica, especialmente quando se pretende fazer vibrar a alma do povo desportivo, mercê de bem intencionada propaganda do desporto.

Alguns autores — poucos, é certo — utilizam-se, porém, do desporto para o meterem a ridículo, explorando as desavenças entre clubes da mesma terra ou dando ao carácter do desportista um cunho diferente daquele que tem. Por outras palavras — fazem politica destrutiva.

Ora, quer-nos parecer que, no momento em que há um organismo dirigente do desporto nacional se pretende, muito justamente, corrigir as massas, eliminando vícios e defeitos, morigerando costumes e disciplinando e corrigido o que de mau existe, deve ser inadequado ou extemporâneo elaborar trabalho teatral — profissional ou amador — sem obedecer a essa directriz suprema, porque se trata de uma causa nacional e como tal reconhecida.

Nos, o que andamos no desporto por bem, só podemos agradecer todo e qualquer esforço atinente a orientá-lo no bom caminho, e não usar do pouco que o desporto tem de mau para o ridicularizar!

Vimos há dias representar uma peça em que o seu autor esquece o interesse nacional para construir números em que as rixas são exploradas, aparecendo até um actor em cena com um olho enegrecido, após ter assistido a um desafio de futebol.

Má tática essa e mais digna de comentário a de um clube que, pelo simples facto do nome desse organismo ser citado, muito a desproposito, se lembrou de homenagear o autor dessa revista.

JOGADORES NORTENHOS

António de Araújo

prometedora revelação do F. C. do Pôrto

ANTÓNIO DE ARAÚJO dispensa apressadas opiniões aos leitores da «Stadium». Em especial os dos grandes centros desportivos, como Lisboa, Pôrto, Coimbra, Braga, Guimarães, Olhão, etc., conhecem já o interior direito do campeão regional portuense, figura franzina no seu aspecto físico, mas dotado de excelentes qualidades para se tornar excepcional jogador de futebol.

Vindo do União de Paredes, onde começou a jogar futebol, oficialmente, em 1941, com pouco mais de 16 anos, no campeonato regional da 3.ª divisão, ingressou no grupo de honra do F. C. do Pôrto, fazendo os seus primeiros jogos sob a camisola «azul-branca» quando o campeão nortenho foi à ilha da Madeira e efectuando a sua estreia oficial nesta cidade em 11 de Outubro de 1942.

No seu primitivo clube joga no pósto de interior-esquerdo, mas no F. C. do Pôrto, em consequência da falta de elementos com que este clube lutou na época de 1942-43, ocupou diversos lugares, desde extremo a centro avançado.

Ultimamente firmou-se a interior direito, e neste lugar tem merecido da crítica os mais rasgados elogios, dada a forma hábil como se conduz no terreno.

Na sua carreira curta de jogador de futebol tem tido horas boas — e más... Entre todas, a que mais o sensibilizou e mais se radicou no seu aspirito foi aquela em que o seu clube venceu o Vitória de Setúbal, no campo dos Arcos, pelo resultado de 3-1. É que o jogo era difícil, cheio de improvisos, e o grupo mal «cerzia» ainda as jogadas. Foi este o desafio que mais moral lhe deu — e por isso recorda-o com satisfação.

António de Araújo venceu a sua personalidade logo nos primeiros jogos que efectuou pelo F. C. do Pôrto, muito embora se não tivesse revelado ainda como jogador excepcional. Mas as qualidades que possui, ainda a evidenciarem-se, chamaram sobre si a atenção do público portuense — e o seu nome passou a andar na boca dos simpatizantes do F. C. do Pôrto. O que progredia em técnica, mais apurada ou aperfeiçoada e de jogo para jogo, tinha a sua repercussão no público, e cedo começou a ver-se rodeado pelo carinho popular — formando a sua «torcida», como costumam dizer os brasileiros...

Era mais um que vinha para o F. C. do Pôrto sem que as trombetas da imprensa reclamassem a sua personalidade; tal como sucedeu a Pereira, actualmente no Estoril, foi o seu comportamento e valor que o firmaram e elevaram ao lugar que ocupa hoje no nosso futebol, com merecimento — sem favor.

Araújo pratica futebol vistoso, agradável, sem deixar de ser produtivo. Tem «toques» que o classificam. E embora não atingindo, por exemplo, o valor de Waldemar, é, entretanto, para já, muito igual a tantos interiores que temos conhecido.

Novo ainda, com 20 anos, aproveitando conscientemente os ensinamentos de Lippo, portanto com muito tempo ainda para poder dominar as dificuldades ou imperfeições que possua, Araújo pode transformar-se de esperança prometedora em mais uma «estrêla» no futebol português.

MÁRIO AFONSO

É a pena, porque ela tem, de verdade, lindos números de música — um deles anda por aí na boca do povo, cantado por miúdos e graúdos — e várias coisas boas, com outras más, como a que foca a faceta desportiva e mereceu este comentário.

Ora se os autores pretendem lembrar o desporto, porque não o fazem «por bem», porque não citam nomes ilustres — que os temos, ou porque não escrevem coisas dignificantes para a causa desportiva?

É mais um aspecto do movimento desportivo nacional que merece a atenção de quem dirige, opondo o seu «veto» a tudo quanto não seja — a bem do desporto.

A origem do pugilismo moderno

Noias de Rafael Barradas

O jogo do sóco, prodigiosa escola de energia, espectáculo dominador e alicante, tão combatido como glorificado, profissão que umas vezes é fabulosamente paga e noutras lanças na mais dolorosa miséria as suas vítimas, inspiração de poetas e prosadores como motivo de ferozes catilinárias... conquistou nos últimos anos celebridade e expansão que se podem considerar definitivas.

O desporto tão caro dos ingleses, arte e ciência da defesa individual, achou o berço na antiga Grécia, oito séculos antes de Cristo, durante a 23.ª olimpíada. Como é que, decadente no final do Império Romano, totalmente esquecido na época seguinte, até meados do século dezassete, renasce das cinzas e floresce na Inglaterra, depois da Restauração e juntamente com o advento da dinastia hanoveriana, — eis um problema sem possibilidade de solução.

«Nada se parece menos com a Grécia do que a Inglaterra; ninguém se assemelha menos a um grego do que um inglês e, no entanto, foi a Gran-Bretanha que continuou a tradição do jogo do sóco.»

Assim se exprime o escritor Guilherme Depping quando firma a sua admiração pelo renascimento do pugilismo nas Ilhas Britânicas. Mas, pondo de remissa a maneira como da antiguidade veio a reviver noutro local o desporto do «boxe», fixemo-nos em que nas margens do Rio Tamisa se conquistava, em 1700, uma corôa de louros, como séculos antes de Cristo junto das águas do lússio: a golpes de punho, sem prémios pecuniários...

Durante cinquenta anos, garantidos o pugilismo fez parte integrante da vida inglesa e da sua literatura. É certo que os velhos poetas gregos e romanos, Homero e Virgílio, por exemplo, levam decidida vantagem aos britânicos — mas os prosadores são infinitamente mais discretos. Pausânias, bem como Teócrito, não se comparam com os plumitivos da raça anglo-saxónica. Existe uma poderosa razão de ser no fundo dessa superioridade literária: o povo inglês achava nos seus «esmurraçadores» as mais belas qualidades da própria raça e mirava-se neles com o orgulho do criador de touros que houvesse apurado famosa casta. A robustez, a confiança em si mesmo, a lealdade, a resistência à dor e a destreza, atributos incontestáveis que a profissão pugilística impõe e exige, são outras tantas virtudes de que o povo inglês se ufana, cultiva e admira.

No dia em que o general Wellington, vencedor de Napoleão em Waterloo, se referiu a tão decisiva quanto célebre batalha, dizendo que a vitória havia sido preparada nos campos desportivos de Eton, evocava com toda a certeza os combates a punho n.º que por ali se concertaram e decidiram.

O pugilismo inglês, tão ligado à tradição e ao passado, difere notavelmente do pugilato primitivo criado pelos gregos, mas conserva, ainda, pontos de contacto com êle. Quanto à origem do segundo, é crível que na escala do Tempo não seja possível localizar-se, pois o homem procurou, desde remotas eras, empregar os punhos — armas naturais por excelência — nas lutas contra o semelhante e contra as feras. E, à medida que a inteligência do indivíduo se foi esclarecendo, decerto que sem transição brusca mas por degraus insensíveis, surgiu no espírito humano a ideia de crear um exercício físico com todas características de luta real, violenta, e, por vezes, fonte de tragédia.

Ganhando, pouco a pouco, fôros de espectáculo, acabou por se incluir nas festas fúnebres e nos jogos que, de quatro em quatro anos, tinham no lugar em Olímpia — louvando Zeus.

Jogo brutal? Incontestavelmente, como tudo nos parece hoje, rude ou pueril, desde as correias entrelaçadas e enroladas em torno da mão e do ante-braço, fabricadas com pele de touro curtidura — o césto — aos protectores das orelhas, casco em uso nos gymnásios, cujo nome passou à posteridade: amfótidios. Um soberbo epigrama, do poeta satírico Lucílio, retrata com malícia o estado de destruição a

II DIVISÃO DO NACIONAL

Só nos grupos A e D continua a luta para apuramento dos vencedores das séries

DEPOIS dos encontros do último domingo, resta, para conclusão da primeira fase da prova, o apuramento dos vencedores das séries 1, 2 (esta com duas sub-séries) e 13.

A lista dos vencedores juntaram-se, após a última jornada, mais quatro nomes: União, de Coimbra, Sporting da Covilhã, Lanifícios, de Portalegre, e Operário Vilafranquense.

O número de encontros da jornada foi ainda menor do que uma semana antes: dezasseis, tendo deixado de se efectuar um, em Loulé, por motivo de mau tempo. Huteu-se o «record» de «goals» num só desafio, ficando, agora, de pé os 17-0 do União de Faredes sobre F. C. Valadares.

Resultado menos esperado: a vitória do Rio Aves sobre o Candal.

GRUPO A

É neste grupo que se continua a verificar mais actividade.

Na série 1, a luta prosseguiu animada, embora já não possam restar dúvidas quanto ao apuramento do Fama-lhão e do Vila Real. Na última jornada os vencedores dos três desafios obtiveram margens folgadas de «goals», a justificar o mérito da vitória e a empenhada animação aos encontros. Gil Vicente, Sporting de Braga (ambos em casa) e o Fama-lhão (no campo do adversário) foram vencedores, respectivamente, do Vianense (6-1), Vizeia (9-0) e Sporting de Fafe (7-0).

Na 1.ª sub-série da série 2, houve três desafios de equilíbrio, contrariando, de certo modo, os prognósticos, mas sem chegarem, contudo, a constituir surpresa. Registou-se a primeira vitória do Rio Aves, ao cabo de doze «saídas», e o triunfo acadêmico sobre o Leça, que isolou o clube de Leiria no primeiro posto.

Na 2.ª sub-série, a nota saliente foi dada pela dificuldade que os «leaders» — o Leixões e o Boavista — tiveram em se desembaraçar dos seus adversários, respectivamente o Infesta e o Avintes. Ambos se contentaram com vitórias pela diferença mínima, mais compreensível a do Boavista, do que a do Leixões.

Embora seja forçoso pensar em algo de anormal há que salientar os 17-0 do União de Faredes sobre o Valadares. Natural a vitória do Sporting da Cruz sobre o F. C. Gaia.

GRUPO B

Sómente dois desafios na série 4, um na série 6 e outro na série 7. Todos tiveram o desfecho mais lógico, que o mesmo é dizer, o mais natural. O União de Coimbra infligiu severa punição ao mais fraco da terra — o Combricense. E a Naval, da Figueira da Foz, tirou boa

Na III Divisão de A. F. L.

O Desportivo dos Olivais mantém a sua posição de «leader»...

O Desportivo dos Olivais tinha, no último domingo, uma saída perigosa para jogar com o Amoreiras que, apesar de ser o último da classificação geral, havia, na primeira volta do campeonato, forçado os «leaders» a um empate a duas bolas. Afinal, embora não tenham feito exibição de mérito, em grande parte devido do péssimo estado do terreno, os rapazes dos Olivais, ao cabo dos noventa minutos regulamentares haviam conseguido uma vitória alçada, justa e merecida por um «score» que não deixa dúvidas: 5-2. E, porque o adversário do próximo domingo não é de molde a causar grandes apreensões, o Desportivo dos Olivais deve ter ganho, no domingo último, no campo da Estrela, o campeonato da 3.ª Divisão de A. F. L. de 1944.

Em Palma, o Palmense teve no Picheleira um adversário que lutou até ao último minuto a fim de conseguir um resultado honroso. E conseguiu-o de facto, pois que os rapazes de Palma não lograram mais que uma vitória pela tangente, pelo «score» de 5-4.

O Cascalheira averbou uma vitória, batendo o Desportivo Operário por 1-0.

No núcleo de Cascais — onde o Parede e o Sintrense seguem a par na tabela da classificação — o Jogo Sintrense seguiu ao duro o primeiro tempo, devido ao estado em que se encontrava o terreno. Nessa altura o Sintrense ganhava por 1-0.

O Parede, mesmo jogando no seu campo, teve no Paço de Arcos um adversário difícil a quem apenas conseguiu vencer por 1-0.

O Carvalhos, último da classificação geral, deu, no domingo, a surpresa da jornada, batendo o Bom Sucesso pelo volumoso «score» de 7-0.

que chegara um popular lutador. Diz o escritor que Aulos oferecerá ao deus de Pisa todos os ossos do crânio, um por um. «Deixa que êle volte vivo dos Jogos, ó Júpiter poderoso, (acrescenta o poeta...) porque te ofertará por certo as vertebrae do peçoço — que é tudo o que lhe fica!»

Hoje não há lugar para tremer tanto pela vida dos jogadores, como outrora. Assim mesmo, o pugilismo tem o seu lado perigoso e destruidor — e um necrológio extenso, que obriga a meditar os seus adeptos mais fervorosos...

vantagem de jogar em casa para derrotar um grupo que muito se tem evidenciado — o Lusitânia.

O Sporting da Covilhã derrotou o mais fraco da série e... deu 3-0.

E o Estrela, de Portalegre apenas se distanciou do último da série — o Alentejo — obtendo margem confortável.

GRUPO C

Só estiveram em acção os grupos da A. F. Santarém. O desafio de maior expectativa, embora sem interesse para a classificação, disputou-se no Entrocamento, entre o Ferrovários e o Operário Vilafranquense. Ao fim um empate a uma bola.

Os grupos escalabanos não melhoraram os seus créditos. Ambos foram batidos por grupos de fora — o Alcanenense e o Alverca.

GRUPO D

Só um jogo — o Lusitano-S. L. Faro, que o primeiro ganhou à vontade... para não perder a esperança de vir a ganhar a série. — ZÉ DO PEÃO

JOGOS DE PASSAGEM

O ESTORIL PRAIA venceu o FÓSFOROS, por 3-1

A vitória do Estoril Praia foi absolutamente merecida, já porque patenteou superioridade técnica e desfrutou de largo domínio territorial, já porque lhe pertenceram as melhores ocasiões de marcar.

Podia dizer-se, até, que se os avançados não teimasssem tanto em prender a bola, insistindo em «drillings», ou seja numa prática de jogo que o mau estado do terreno não aconselhava, nem permitia, de certo o resultado seria bem mais volumoso. Com efeito, não faltaram oportunidades em número mais que suficiente para permitir ao Estoril Praia a obtenção de um triunfo retumbante.

Ao intervalo, o Estoril ganhava por 2-1, obtendo depois terceiro ponto, com o qual fixou o resultado em 3-1.

Petrak (2) e Bravo marcaram os «goals» da equipa vencedora. Alvaro Pereira alcançou o único tento do grupo vencido.

Em globo a equipa mostrou personalidade e interessante toada de jogo ofensivo, embora não fizesse, nem poderia fazê-lo com tais condições atmosféricas, uma exibição tecnicamente agradável. A expulsão de Júlio Costa prejudicou-a também bastante e contribuiu poderosamente para a quebra de rendimento do seu ataque, que ficou reduzido a quatro elementos, pela passagem de Sbarra para médio esquerdo.

O Fósforos não tem motivos para lamentar a derrota, além daqueles que o obrigaram a apresentar uma equipa de valor inferior ao da habitual. Perdeu bem, batendo-se de começo a fim do desafio com energia surpreendente. Sob tal aspecto, ninguém usará dizer que era possível exigir-se mais dos seus jogadores.

Chama-se a isto — lutar com «unhas e dentes» pela bandeira do clube. Há muitos anos que vemos futebol. Pois nunca encontramos jogadores que mais provas dessem da sua combatividade! O espírito de sacrifício destes homens, a maneira como expõem o corpo, como se aventuraram a comprometer a integridade física, assume, no entanto, características suicidas...

Se louvamos o amor que patenteiam pela colectividade, cuja posição no futebol defendem o melhor que podem, não podemos, todavia, deixar de lhes lembrar que o desporto não foi criado para avolumar o número dos inválidos. Bem pelo contrário.

O segundo jogo de passagem efectua-se no seu campo. Teremos prazer em verificar que se bateram como bons desportistas.

R. MONTEIRO

A 4 JORNADAS DO FIM...

(Conclusão da pág. 2)

ção, concluí, mesmo, que a nossa antipatia pelo Pôrto é de longa data!

Aqui declaramos terminantemente que o F. C. Pôrto dos clubes a que o futebol português mais deve, nos merece a maior simpatia. Desde o começo do torneio, exprimimos a idêntica da «fase de renovação», exactamente como razão de um comportamento que anda afastado do de outras épocas.

José Silva (Sintra) — Que não temos razão em evidenciar o poder rematador e ofensivo da linha de ataque do Sporting, que está, mais ou menos, no entender do sr. José da Silva, pelas ruas da amargura.

Permitimo-nos humildemente afirmar que o Sporting se encontra, por enquanto em 1.º lugar, com o melhor «score», tendo a sua linha avançada marcado 53 bolas, só menos uma que o Olhanense, o n.º 1 dos marcadores. Os factos, pelo menos, não destroem o que temos afirmado.



DOMINGO DESPORTIVO

O JOGO DO ESTORIL, PARA A PASSAGEM DE DIVISÃO: Fósforos e Estoril-Praia bateram-se mais uma vez, disputando com ardor o cubiçado lugar na divisão superior da A. F. L. As gravuras (1 e 2) mostram duas fases do jogo efectuado no domingo, no qual os estorilenses saíram vencedores. CAMPEONATO DE LISBOA DE «HANDBALL»: Dois aspectos (3 e 4) da luta travada no Lumiar entre o Sporting e Belenenses e na qual os "azuis" perderam por 2-1 (fotos J. Manique)

PALESTRAS DESPORTIVAS NO ATLÉTICO C. P.

O sr. dr. José Pontes, presidente do Comité Olimpico, durante a palestra que proferiu há dias no popular clube alcantarense





Os torneios de futebol e de "volley-ball" da Ala 2

DEPOIS de uma jornada de descanso, motivada pelas férias do carnaval, prosseguiu, no último domingo, no campo do Liceu de Pedro Nunes, o campeonato de Futebol da Ala 2 (Lisboa) da «Mocidade Portuguesa», competição que está sendo disputada com enorme interesse pelos diversos estabelecimentos de ensino da capital e cujos jogos se caracterizam sempre pela correcção e espírito desportivo com que são animados, a par de muitas fases em que há ocasião para verificar futebol da melhor qualidade.

A última jornada foi grandemente prejudicada pelo mau tempo. O terreno do Liceu de Pedro Nunes, estava, como é natural, pouco propício para a prática do futebol. Mesmo assim, efectuou-se o encontro Liceu Pedro Nunes - Escola Ferreira Borges. Os rapazes da Ferreira Borges, obrigados pela força das circunstâncias a alinharem apenas com oito elementos, não puderam evitar a derrota por um «score» bastante volumoso (18-0) que ficará, por certo, na história do torneio deste ano, como o desafio em que o vencedor marcou maior número de «goals». E, a propósito, arquivemos os nomes dos marcadores: Costa (5), Rebelo (4), Hugo e Baptista, dois cada, Agno (4) e Almeida (1).

O encontro Liceu Camões-Colégio Calipolense não foi além dos dez minutos iniciais, pois o médico da «Mocidade Portuguesa» achou conveniente a suspensão do encontro devido à chuva forte que caía nessa tarde. Os rapazes do Camões ganhavam, então, por 5-0.

Menos prejudicados pela chuva, os jogos de sábado efectuaram-se todos e decorreram com bastante interesse e animação, havendo a registar as vitórias da Escola Manuel Bernardes sobre a Escola Machado de Castro, por 3-1; da Escola Valassina sobre a Escola Académica por 5-0; e da Escola Latino Coelho sobre a Escola Felipa de Vilhena por 6-0.

Foi, portanto, uma jornada em que, além de tudo o mais, se marcaram muitos «goals» — facto que empresta sempre bastante animação aos jogos.

No último sábado, outro campeonato da «Mocidade Portuguesa» teve o seu início — o de «volley-ball». Tal como no último ano lectivo, a competição movimentava, aproximadamente, 900 filiados, distribuídos por três escalões: infantens, vanguardistas e cadetes.

O torneio iniciou-se com o Campeonato das Zonas (séries) para apuramento dos respectivos vencedores, que disputarão entre si o título de campeão da Ala. A prova deste ano, apresenta a inovação das zonas serem constituídas por Centros com as mesmas características, o que vem facilitar a organização e torná-la mais interessante, pois apuram-se, assim, respectivamente, os campeões dos Centros Extra-Escolares, Liceus (a que pertencem, também, o Colégio Militar e o Instituto dos Pupilos do Exército) Colégios Particulares e das Escolas de Ensino Técnico.

Da primeira Zona (centros extra-escolares) fazem parte quatorze Centros. Na segunda Zona (Liceus) inscreveram-se sete. Dez, pertencem à terceira Zona (escolas técnicas), e, finalmente, na quarta Zona (escolas particulares), temos a registar a inscrição de vinte e dois estabelecimentos de ensino.

O que, porém, e acima de tudo, ressalta de maneira eloquente, é o grande número de filiados abrangidos por esta competição. Só no escalão de vanguardistas, há 52 equipas inscritas, que totalizarão cerca de 408 filiados.

2

ORGANIZAÇÃO NACIONAL MOCIDADE PORTUGUESA

EM LISBOA
1 e 2

Fases do jogo de futebol disputado no domingo entre o Liceu de Pedro Nunes e a Escola Ferreira Borges

NO PORTO
3

A equipa de «volley-ball» do Liceu Rodrigues de Freitas

4 e 5

Os grupos de «volley» e futebol do Liceu de Alexandre Herculano



5

O Unidos mantém-se à frente do campeonato de Lisboa, sem derrotas

Os jogos disputados a semana passada pouco trouxeram de imprevisto à competição, se considerarmos somente os desfechos. No entanto, em alguns deles, o resultado indeciso e a subida de valor do vencedor, tornariam natural um triunfo que o marcador não registou.

Está neste caso a vitória do Sporting sobre o Operário, em cujo encontro o primeiro via o adversário, após desvantagem apreciável, crescer de continuo para diminuir a derrota; e o apito final sou com esta, reduzida apenas à diferença de 2 pontos. O Operário continua a mostrar, assim, quanto é necessário dispensar atenção aos jogos com clubes mais fracos, pois o afilico com que disputam a bola torna-os adversários perigosos.

O Lisgás, em vencedor, na primeira parte do seu encontro com os campeões nacionais, por uma diferença que chegou a ser de 5 pontos, não conseguiu manter no segundo tempo a mesma toada, merecendo da melhor exibição dos escaridenses, que acabaram por se impôr pelo jogo adiante. Encontro bastante animado, em que os grupos actuaram nas suas características habituais, foi de certo o melhor de todos os disputados nesta 6.ª série. A cuidada defesa dos dois grupos souberam os marcadores antepagar-se a tempo — e Faria, do Carnide, e Vicente, do Lisgás, em evidência neste capítulo, transformaram com felicidade laudes de aturado trabalho preparatório.

A vitória do Algés sobre o Belenenses tem mérito próprio, pois foi arruacada à força de energia e de entusiasmo, apesar da bela recuperação que o vencedor encontrou na segunda parte do encontro. O S. A. D., não contando ainda com a colaboração de Carrelhas, o melhor marcador do campeonato até à 3.ª série, teve em Afonso o melhor substituto — e portanto o artífice da vitória final.

O Benfica não repetiu a sua exibição de há pouco, contra os campeões nacionais. O ataque, ressaltando-se da falta de Homero, não deu o rendimento necessário para anular a vantagem que o Atlético foi firmando logo fora, dehaixo da orientação de José Fereira; e agravou ainda a actuação do Benfica a esmagadora vigilância sobre Sebastião, durante todo o encontro, que o impediu de pôr à prova as qualidades que o classificam como dos melhores marcadores dos encarnados.

Campo de Ourique, desfalecido de Peixoto e de Louro, deu rendimento inferior ao normal, compensado pela fraca exibição do Unidos; o resultado do encontro, 24-18 a favor deste último, é índice demonstrativo da pouca eficiência dos marcadores de ambos os grupos.

O Maria Pia averbou a sua primeira vitória, derrotando o Rio Sêco por um ponto de diferença, obtido num «cêsto» marcado no último momento. O apito final souo quando a bola já tinha sido lançada por Mira, motivo porque se levantou grande cêlula entre a assistência — aliás bem dezanecessária, pois que a tal respeito as leis do jogo são taxativas.

A série disputada teve, de maneira geral, fraco valor técnico e foi pobre em animação, se exceptuarmos os encontros Carnide-Lisgás e Algés-Belenenses.

A luta aumentou de interesse, tanto para os primeiros postos como para os últimos. O Unidos segue à frente, sem derrotas, com 18 pontos, seguindo-se-lhe: Carnide, 16; Algés, Atlético e Sporting, 14; Benfica, 13; Belenenses, 12; Campo de Ourique, 11; Lisgás, 10; Maria Pia e Rio Sêco, 8; Operário, 8.

A Associação de Atletismo de Lisboa reuniu-se em assembleia geral

REUNIÃO-geral na passada segunda-feira a assembleia ordinária da A. A. L., cuja gerência terminara data passada em Desembargo do seu passado. Não nos importa dar conta do que nessa sessão se haja passado, de maior importância o objectivo político de que se tratava, mas devemos assinalar o acontecimento com algumas referências, embora forçosamente breves, ao notável documento que é o relatório da Direcção: completo, pormenorizado, recheado de verdades desassombradas e puros elementos estatísticos.

Queixam-se os dirigentes do atletismo regional do ambiente de incompreensão que acolhe, na generalidade, os seus esforços e sacrificios; mas não lhe apontam, di-lo a nossa experiência, a verdadeira causa dos males de que se queixam e que é consequência de um exagerado clubismo, onde cabem pesadas responsabilidades aos dirigentes e jornalistas que pelo seu exemplo lhe deram alento e estímulo.

É mais esta a razão dominante do que propriamente a excessiva preocupação de espectáculo dada às manifestações desportivas, apontada pelo relatório; transcrevemos, no entanto, esta frase, onde se encontra profunda e amarga verdade: «... depois de inocente repasto, vão até nos campos atléticos para passar umas horas, julgando-se no direito, por comprarem um bilhete, de protestarem contra tudo e todos, não imaginam, sequer, os trabalhos, as fadigas que se empregaram para montar toda aquela máquina de organização de competições e pô-la a funcionar».

Isto é assim mesmo, mas também nas origens do mal há quem deva escutar a própria consciência.

Juntamente com o relatório foram distribuídas duas interessantes tabelas de «Recordes e Máximos Regionais» e dos «Campeões e Vencedores das Provas Oficiais». Utilíssimo trabalho, que abona a boa organização dos serviços associativos e consideramos digno de servir de exemplo aos outros organismos do atletismo português.

Registamos o agradecimento que mereceu aos dirigentes da entidade regional a acção jornalística da «Stadium», expressamente citada; e também o interesse e carinho pela modalidade até ao ponto de largamente difundir conhecimentos úteis sobre aspectos técnicos a que se refere o relatório e, com legítima propriedade, supomos dizer-nos respeito.

Começa a fazer-se sentir o mau estado do tempo. A chuva que caiu do ontem passado prejudicou a marcha do campeonato da 1.ª divisão, pois dos cinco encon-

tros marcados apenas dois se realizaram, em consequência do campo do Ateneu ter ficado transformado num lamaçal.

A derrota do Moscavide frente ao Braço de Prata foi a nota saliente nesta incompleta jornada, acutilando-se por natural a vitória do Lisboa Gimnásio em face do Pedrouços, que nesta época não está dando o seu rendimento normal.

Dos encontros que ficaram por disputar, Boa-Hora-Ateneu, Campolide-Gif e Casa Pia-Nacional, ainda se chegam a realizar parte do primeiro, com o grupo da Boa-Hora a ganhar por 12-6.

Após estes jogos, regista-se, assim, a primeira derrota do Moscavide, seguindo ainda o Campolide sem qualquer encontro em que tivesse sido vencido. A classificação apresenta-se como segue: Braço de Prata, 10 pontos; Moscavide, 9; Campolide e L. G. C., 8; Casa Pia, Ateneu e Nacional, 7; Boa-Hora, 5; Pedrouços, 4; e C. L. F., 3.

CAMPEONATO UNIVERSITÁRIO

No campo do Lisgás, disputou-se no sábado a 6.ª jornada deste campeonato, reduzida apenas ao jogo Económico-Agronomia, devido às desistências verificadas.

Previdendo por larga assistência, este encontro pode sintetizar-se como o embate entre dois grupos de características diferentes, pois o Económicas, constituído por elementos de melhor físico, empregou passes largos e altos, ao contrário do Agronomia, que usou jogo curto e rápido. O Económicas, sempre em vencedor, sómente a partir de 25' pôde avolumar a sua vitória — que no final se traduzia pelo confortável «score» de 50-26.

O encontro a realizar entre Ciências e Agronomia em nada perde interesse, pois uma vitória do segundo faria com que os seus dois últimos antagonistas ficassem em igualdade de pontuação.

JOÃO ASSUNÇÃO

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — O Atlético fez disputar nova prova de cortamento, em 2.100 metros, para estreantes. Ganhou-a Cesário Jorge.

FUTEBOL — Em continuação do campeonato nacional corporativo, efectuaram-se mais os jogos seguintes: Levantamentos Aéreos-Progresso Mecânico, 2-0; Aparelhagem Eléctrica-Fábrica Portuguesa, 2-2; Estabelecimentos Herold-Gás Electricidade, 2-2.

O F. C. do Pórtio e o Académico F. C. classificaram-se à frente, nas respectivas séries, do campeonato português de 1.ª e 2.ª divisão.

Em S. João da Madeira defrontaram-se as seleções de Aveiro e de Viseu, triunfando a primeira, por 7-1.

O Hertha B. S. B. bateu, diante de 22.000 espectadores, o Berliner S. V., por 4-0, ganhando assim o campeonato alemão.

«GOLS» — Disputou-se no Estoril um torneio de pares-mistos, com o resultado seguinte: 1.º «Madame» Jordan e visconde de Pereira Machado, 60 pontos e 32; 2.º D. Vera do Espírito Santo Silva e R. Pateu, 60 p. e 34; 3.º Madame Bajan e Manuel de Brito e Cunha, 71 p.; 4.º viscondessa de Pereira Machado e R. Borland, 73 p.; 5.º D. Eva Lundqvist e Nuno de Castro Pereira, 77 p.

«HOCKEY» — NO GÊLO — Em Musique, a equipa local venceu a de Praga por 10-2 e 7-2 (7-5).

O Berliner Schlittschuh-Club, pela 18.ª vez, o campeonato alemão, derrotando, na final, o Roth-Weiss. A partida foi interessantíssima, pois só na quarta parte e no último minuto se apurou o vencedor, com um «goal» de Freistritter, um dos melhores jogadores europeus. Resultado geral: 1-2, 0-3, 1-1 e 4-3 (6-3).

PATINAGEM — Os campeonatos europeus de patinagem artística, disputados em Bradenburgo, foram ganhos, respectivamente, por: Ulrich Kuhl (homens), Gudrun Olbricht (seahoras), Ria Baran e Paul Falck (pares mistos).

«REGATAS» — Na clássica regata entre as tripulações das Universidades de Oxford e de Cambridge, a última ganhou em bom tempo.

«SKI» — Nos campeonatos alpinos, do Tirol, em Seefeld, verificaram-se vitórias de Hans Nögler e de Aurelia Schuh Prokani.

TIRO AO ALVO — Na carreira «Vergueiro-Ducla Soares» e com a presença dos srs. major Nobre e capitão Quadros, respectivamente, director e sub-director daquele estabelecimento militar, começou a disputa das taças «dr. Bustoff Silva» e «Instituição — 1944», promovidas pela S. T. n.º 3. O tiro simbólico foi disparado pelo sr. dr. Bustoff Silva, presidente do Gimnásio Clube Português.

«REINADO» — Constant, com 128 pontos, ganhou a taça «Abertura» — em prova de 15 tiros, com carabina livre, a 30 metros, na posição de deitado — disputada na carreira do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários. A seguir classificaram-se: Cardoso Alves, 147 p.; Manuel Garrido, Álvaro Campeão e Guilherme Rolz, 144 pontos.

O Benfica apresentou um protesto, na prova «João Pereira da Rosa», baseado em erros de interpretação do júri e contadores de pontos.

TIRO COM CHUMBO — No «stand» do Lumiar efectuaram-se várias provas, aos pombo, ganhas por Manuel de Seixas (22-25), Armando Pereira (25-30) e Horácio de Matos (10-10).

Aos nossos assinantes

Rogamos aos nossos estimados assinantes o jogar do seu habitual bom acolhimento para a nova série de recibos que vamos pôr em cobrança, a fim-de nos evitarem despejes inúteis.

Uma jornada incompleta

O programa da sexta jornada do campeonato de Lisboa terminou incompleto: a chuva, e a consequente lama, determinaram aos árbitros dos encontros Benfica-«Os Treze» e Unidos-Internacional a decisão de interromper os jogos que dirigiam.

Estávamos no terreno do Campo Grande e não hesitamos em afirmar que o sr. Lancelotti exorbitou; o piso não impedia, nem sequer dificultava as jogadas, e se as linhas de marcação eram pouco visíveis seria fácil avivá-las durante o intervalo.

Cumpra aos árbitros zelar pela regularidade das condições em que decorrem os encontros mas devem sempre levar em conta os interesses e direitos dos grupos em contenda, os esforços já despendidos e as conveniências da organização.

Quando o jogo se interrompeu, os dois clubes encontravam-se empatados a três bolas e a impressão do espectador era de que estava decorrendo com maior clareza e em circunstâncias mais propícias do que aquêle que pouco antes terminara no campo visinho.

O Sporting e o Belenenses fizeram fraca exibição; os «cazuís» deixaram fugir a vitória e as derradeiras aspirações ao título de que são detentores, mas exerceram, durante a meia hora final, ascendente quasi constante sobre os adversários, sem a linha avançada conseguir aproveitá-lo como à equipa interessava.

É curioso até que todos os ataques se tenham gorado por insuficiência de remate ou pela segurança da guarda-redes «leônico» e que o ponto de honra (o Sporting ganhou por 2-1) tenha resultado de uma imperdoável leviandade de Almasqué, que ofereceu ao antagonista o que êle, por si próprio, não conseguira obter.

Para este jogo, de importância decisiva para qualquer dos disputantes, ambos apresentaram as suas linhas com armadura alterada: o Sporting transferiu Montalvão para avançado centro e chamou um novo para interior direito; o Belenenses insistiu na colocação de Natividade a médio centro, onde a sua acção pareceu algo confusa, misturando-se demasiado com a linha da frente.

O terreno, muito enlameado, dificultou as manobras e foi o principal inimigo dos sportingistas, que se mostraram completamente incapazes de adaptar a sua toada usual de jogo às condições do solo: teimaram em batimentos, cujo resultado era a constante paragem para apanharem a bola que ficava colada ao chão. Neste pormenor, os rapazes do Belenenses souberam muito melhor jogar a bola pelo ar, com a facilidade de desmarcar-se que lhes dava a superioridade numérica desde a expulsão, a meio da primeira parte, do médio direito sportingista.

No campo do Estoril, os locais desembarçaram-se, sem cuidados, dos enérgicos marvilenses, e o Unidos terá de repetir o seu jogo com o Internacional, que o árbitro suspendeu quando a vantagem era já de 8-0.

A primeira volta do campeonato termina no domingo, com um jogo de suma importância: Unidos Sporting, no campo do primeiro. Se os donos da casa ganharem o prémio, ficam em situação privilegiada e tendo como único perigo a visita ao Estoril; mas se os «leões» vencerem — e terão já nesse dia a valiosa colaboração de Tomaz de Macedo — ficam ainda três clubes com o título ao alcance e o interesse da prova valorizado pela espectativa.

ESSECE

DE LUTO

Vasco P. Galvão

Surpreendeu-nos dolorosamente a notícia da morte de Vasco Pistachini Galvão, ocorrida em trágicas condições, numa das últimas semanas. A seu pai, Vasco Galvão nosso prezado amigo e conhecido professor de ténis, apresentamos a expressão do nosso pesar.

Francisco Gomes Vieira

Faleceu Francisco Gomes Vieira, dos mais antigos e dedicados sócios do Sporting, ao qual prestou desvelada colaboração. A Jorge Vieira, seu irmão, e à família enlutada, os nossos sentidos pésames.

A PISCINA DO MONDEGO

A actividade dos desportos em Coimbra tem os seus fulcros de maior relevo no futebol e na natação. A movimentação do popular desporto liga-se principalmente à Associação Académica. As suas proezas, como as suas derrotas, são sempre largamente comentadas. Mas há outros clubes que se dedicam também com entusiasmo ao futebol — e que vão fazendo pela vida, conforme podem. O União realizou este ano um esforço de valorização digno de apreço. Não bastou, no entanto, para bater o forte adversário local que é a Académica. E no torneio da II Divisão leva um outro clube de parceria — o Lusitânia, mais feliz do que no campeonato do distrito. Os juniores entraram já em luta, nos vários clubes da cidade. Trabalha-se, pois, em profundidade, para assegurar melhor a sua expansão.

Quanto à natação, tem sido, depois do futebol, o desporto mais popular, sendo também aquele em que o progresso local se tem evidenciado mais. Na época passada bateram-se «recordes» em quasi todas as provas. E há nadadores na lista dos melhores resultados, que acompanharam o «balanço» publicado na «Stadium». O trabalho dos nadadores merece, porém, referência especial, pois apesar de nos encontrarmos no período hibernal de repouso, conforme é de uso e costume, começa a falar-se da natação.

O problema é sempre o mesmo, nesta altura, ano a ano: a preparação da nova temporada com a tentativa do ressurgimento da piscina. Este ano, há ainda o problema da direcção citadina. Temos vivido, nos últimos tempos, numa fase de desalento, provocada por causas conhecidas, que não merece a pena recordar. A selecção directiva é, no entanto, fácil, quando o ambiente é de carinho e compreensão. E esse não tem faltado em Coimbra.

O problema da piscina citadina toma, agora, novos aspectos, com uma campanha oportuna da «Voz Desportiva», sob o impulso do seu director Amadeu Rodrigues, jornalista e dirigente com uma notável fôlha de serviços ao desporto em Coimbra. É de justiça realçar o valor desta campanha. Não devemos regatear os nossos aplausos. Aqui ficam sinceros, espontâneos.

Há um alvitre que merece especialmente a nossa plena concordância — a de uma solução intermediária, entre o que se tem feito, o que se deveria fazer e o que é possível. Nem uma piscina reconstruída com o compromisso financeiro dos dirigentes locais, como sucedeu, no ano passado, com o dr. Moura Relvas — e que lhe custou alguns milhares de escudos, perdidos em grande parte por causa de uma cheia eventual do rio, em Setembro — nem a piscina-estádio, que por certo não se construiria agora, por falta de tempo e de recursos. Apenas isto, que a «Voz Desportiva» lembra: recuar a piscina para os terrenos de Santa Clara, colocando-a fora da zona sujeita à violência das cheias, com um canal para penetração das águas do Mondego.

Esta solução bastaria — para alguns anos. E a natação merecia-a em absoluto.

Qual o acontecimento desportivo mais importante do ano e qual o melhor atleta de 1943?

GRANDES oscilações, no que respeita aos primeiros lugares, se verificaram na votação da última semana e, caso curioso, em relação às anteriores: a natação cedeu o lugar ao futebol! Não que Mário Simas tivesse perdido o seu posto de «leader» — que a vantagem sobre o segundo classificado era realmente grande... — mas a verdade é que Adolfo Mourão ultrapassou Nogueira Cardoso (em 102 votos) e aproximou-se muito do nadador estorilense: agora «apenas» com a diferença de 164 votos — e Simas tinha mais 326... Quere dizer: o triunfo voltou a pertencer ao futebol. Nos acontecimentos, então essa vitória foi mais nítida: os eleitores apaixonados do desporto-rei ganharam por 52-0... Figuram nas listas três novas modalidades: torneio de florete da taça «Avelar Machado» e final do campeonato escolar de remo da «Mocidade Portuguesa», entre as embarcações do Liceu de Pedro Nunes e das Escolas Portuguesa e de Machado de Castro, por escolha do Centro Escolar daquele último estabelecimento de ensino, e ressurgimento do Estrêla Sport Clube, de Portalegre, em votação de dois eleitores daquela cidade. No capítulo de atletas apareceram também dois nomes novos: o floretista Edmundo Gouveia Franco e do remador António Bustoff Ferro.

Confrontando as listas publicadas no último número com as do presente, verifica-se que há grandes alterações na ordem de classificação. Assim, por exemplo, a rúbrica «Ressurgimento do ciclismo em pista», que figurava em 10.º lugar, com 29 votos, passou para o 7.º posto, com 65. E nesta luta futebol-natação, o maior atractivo da última votação, ganhou a primeira das modalidades — pois, da última, somente a vitória de Júlio Mendes Silva nos 200 m. bruços dos campeonatos nacionais mereceu escolha de concorrentes...

Mourão, Teixeira e o ciclista João Lourenço foram os atletas mais votados. Simas ficou com os mesmos que alcançara anteriormente — e com o «perigo» da aproximação de Mourão! E quanto a acontecimentos, a vitória do Be-

nenses no campeonato de Lisboa de futebol voltou a figurar no primeiro posto, com mais quatro votos que a dissidência na secção de natação do Algeis e a consequente passagem de Simas e Azinhais dos Santos ao Estoril Praia.

Quem ganhará, neste «rush» final? A natação ou o futebol, Mourão ou Simas? Têm a palavra os leitores... E especialmente os sportinguistas e os estorilenses. Vamos a ver se amanhã, dia em que impreterivelmente encerraremos o concurso, nos aparece a solução: Mourão ou Simas, futebol ou natação.

Os últimos resultados constam das listas seguintes:

Acontecimento		
VITÓRIA DO BELENENSES NO CAMPEONATO DE LISBOA DE FUTEBOL		297 votos
Dissidência na secção de natação do Algeis e passagem de Azinhais e Simas ao Estoril Praia		263 >
Inauguração da pista de cinza do Sporting (2)		194 >
Vitória do Carnide Clube no campeonato nacional de «basketball»		124 >
Combate de «boxing» Levi-Peiro		103 >
Portugal-Espanha em bilhar		89 >
Ressurgimento do ciclismo em pista		65 >
Recipio ao Benfica		55 >
Vitória de Júlio Mendes da Silva nos 200 m. bruços dos campeonatos de natação		54 >
Renovação do F. C. do Porto		53 >
Vitória dos cavaleiros portugueses na «Taça de Ouro da Península»		51 >
Regulamentação da Direcção Geral dos Desportos		41 >
Fundação do Atlético C. P.		39 >
Jornadas de Propaganda Desportiva		39 >
Inauguração da piscina-solário «Atlântico» em Espinho		31 >
Vitórias de J. J. Mira Gomes nos 100 e 200 metros e 400 m. costas dos campeonatos nacionais de natação		28 >
Triunfo alcançado pelo Vitória no campeonato de Setúbal de futebol		27 >
Vitória do Fósforos sobre o Estoril Praia		27 >
Vitória do Benfica no campeonato nacional de futebol		16 >
Vitória de Artur Mendes da Silva nos 400 m. costas dos campeonatos nacionais de natação		15 >
Jogo de futebol Benfica-Sporting		13 >
Vitórias de Hety Heyman sobre Rosa Lopes no torneio de natação do Estoril Praia		12 >
Despedida de Adolfo Mourão		11 >
Torneio de Inverno no Estoril		9 >
Campeonato Ibérico de remo		8 >
Triplíce vitória de Jorge Oom em esgrima		7 >
Despedida de Soeiro Vasques		6 >
Derrota do Benfica em Guimarães		5 >
Ingresso de Albano Narciso no Sporting		4 >
Vitória do Estoril Praia sobre o Barretense		4 >
Actividade do Belenenses em «handball»		3 >
Dez minutos finais do desafio de futebol F. C. do Porto-Benfica		2 >
Ressurgimento do Estrêla de Portalegre		2 >
Castigo de 60 dias de suspensão a Rafael Correia, do Belenenses		1 >
Combate de «boxing» Guedes-Eloi		1 >
Derrotas de Beni Levi em Espanha		1 >
Final do campeonato escolar de remo da «Mocidade Portuguesa»		1 >
Final da taça «Ira-Teimas» em «basketball», entre F. C. do Porto e o Vasco da Gama		1 >
Realização do 2.º Porto-Lisboa em xadrez		1 >
Torneio de florete da taça «Avelar Machado»		1 >
Vitória de Francisco Salgado nos 400 m. livres dos campeonatos de natação		1 >
Vitória de Rogério Migueis nos campeonatos nacionais de corridas em patins		1 >
Vitória do Vasco da Gama nas três categorias do campeonato português de «basket-ball»		1 >

Atleta		
MÁRIO SIMAS		465 votos
Adolfo Mourão		391 >
Nogueira Cardoso (Pima)		149 >
João Azevedo		106 >
Mariano Amaro		79 >
Joaquim Teixeira		71 >
Fernando Lourenço		70 >
Beni Levi		65 >
José Pedro		49 >
Agostinho Guedes		45 >
João Lourenço		43 >
Francisco Ferreira		41 >
Matos Fernandes		35 >
Fernando Peyroteo		32 >
Francisco Inácio		22 >
Luis Neves		21 >
Albano Narciso		19 >
Rafael Correia		15 >
Fernando Amaral		15 >
Júlio Correia da Silva (Julinho)		13 >
Artur de Sousa (Pinga)		12 >
Correia Barrento		8 >
Jorge Oom		8 >
Manuel Marques		7 >
Alves Carvalhos		3 >
Camilo Ferreira		3 >
Afonso Domingues		1 >
Bustoff Ferro		1 >
Edmundo Gouveia Franco		1 >

Criticas e criticados

(Conclusão da pág. 6)

com maior liberdade o que pensa da sua própria acção não assina o que escreve, ou limita-se a usar um pseudónimo ou simples iniciais. Representa isto falta de «coragem»? Não me parece, desde que na sua apreciação não agrave ninguém...

É caso para perguntar ao nosso «critico»: era o artigo publicado no Stadium incorrecto ou ofensivo para alguém? É susceptível de provocar melindres afirmar que não gostámos da forma como correu A ou B? Ou eram injustas as apreciações feitas e estavam fora do dominio da critica?

Parece-me que não... O tal «censor critico», se existisse, não cortaria uma linha ao artigo publicado no Stadium!

Para fechar estas breves considerações só me resta dizer, para evitar interpretações contrárias ao que penso e escrevi, que os cavaleiros espanhóis mostraram, mais uma vez, a sua grande classe e a esplêndida escola que seguem há já bastantes anos.

Aproveito ainda a oportunidade para informar «D. Quixote II» que, por motivos alheios à minha vontade e da Stadium, não foi publicada a resposta à sua interessante carta. Estamos, porém, ao seu dispor para lhe prestar directamente todos os esclarecimentos que desejar.

Desculpe o espaço que lhe tomo e munde sempre no seu dedicado camarada, etc. — E & C.

Grupo Desportivo e Recreativo Pasteur

Sob a orientação dos desportistas Pedro Martins Paz e Mário M. Cabral, coadjuvados por Carlos Fernandes Júnior, está em organização o Grupo Desportivo dos Empregados do Instituto Pasteur, o qual se propõe dedicar-se à prática do desporto e de diversas modalidades de cultura e recreio.

ANO XII — Lisboa, 1 de Março de 1944 — II SÉRIE-N.º 65

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Stadium

SALGUEIROS.SPORTING: 1—
 João e J. Cruz batem-se pela posse
 da bola; 2 — Como conseguiu o
 Sporting marcar o seu 5.º goals.
(fotos Hermann)

VITÓRIA (G.)-BELENENSES:
 Ferraz vai entregar a bola a Ale-
 xandre — que marcará o ponto de
 honra dos vimaranenses; A linha
 de ataque do Vitória tenta o cami-
 nho das balizas — sem resultado
(fotos Magalhães)

